

Avanço acadêmico

Quatro anos depois de implantado o Reuni, o que mudou em infraestrutura, cultura, pesquisa e pós-graduação na Universidade Federal do Ceará

Impunidade

Passados 20 anos do assassinato de Eusélio Oliveira, família já não tem esperanças em ver o caso resolvido

Ensino

Saiba como funcionam os Bacharelados Interdisciplinares, modelo de graduação já adotado por 15 universidades federais

Capital do Nordeste com maior volume de investimentos públicos em 2007, 2008 e 2009.

*Fonte: Frente Nacional de Prefeitos - FNP
Secretaria do Tesouro Nacional*

Mais de 180 mil novos empregos com carteira assinada entre 2005 e 2010 na Região Metropolitana.

Fonte: Ministério do Trabalho - CAGED

Destino mais procurado pelos turistas brasileiros que vêm para o Nordeste.

Fonte: www.hoteis.com

Primeiro lugar em transparência entre as capitais do Nordeste.

Fonte: Instituto de Estudos Socioeconômicos - Inesc



O Nordeste cresce. E com o trabalho da Prefeitura, Fortaleza dispara.

Nunca se investiu tanto em Fortaleza como a Prefeitura vem fazendo nos últimos anos. Investimentos que fazem nossa cidade avançar e melhoram de verdade a vida das pessoas. Na saúde, conseguimos reduzir em 52% a mortalidade infantil. Na educação, já somos a terceira maior rede municipal de ensino do país, com mais de 200 mil alunos matriculados. E na economia, Fortaleza também é destaque nacional. Entre 2005 e 2010, por exemplo, nossa cidade foi a que mais abriu empresas e gerou empregos com carteira assinada entre as 9 regiões metropolitanas do Nordeste. Com a reforma do Estádio Presidente Vargas, a requalificação da orla, o Vila do Mar, as obras de mobilidade urbana, o fortalecimento do turismo, a construção de casas populares e do Hospital da Mulher e com a realização de tantos outros projetos importantes da Prefeitura, Fortaleza se transformou num grande canteiro de obras. A administração municipal está conseguindo unir desenvolvimento econômico com crescimento social. E o trabalho não para. A Prefeitura vai investir ainda mais para Fortaleza continuar crescendo e criando novas oportunidades para a nossa gente.

**Prefeitura trabalhando
e Fortaleza crescendo
sem parar.**



Prefeitura de
Fortaleza



Ser independente é
fazer as suas escolhas.

master.com.br

O Banco do Brasil criou um site para você
expor suas ideias em um espaço todo seu.

eufacoacontecer.com.br

Acesse e conheça.

 @eufacoacontecer

 eufacoacontecer

BANCO DA MARCELA



todo seu

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 • SAC 0800 729 0722 • Ouvidoria BB 0800 729 5678
Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor

Prof. Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7300
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social
e Marketing Institucional

Paulo Mamede

Fone: (85) 3366.7319
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Assessor de Comunicação Institucional

Italo Gurgel

Fone/Fax: (85) 3366.7328

Revista Universidade Pública

Av. da Universidade, 2853
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone: (85) 3366.7319
publica@ufc.br

Editor

Gustavo Colares/CE1861JP

Reportagens

Gustavo Colares/CE1861JP
Hébely Rebouças/CE2180JP
Raquel Chaves/CE01286JP
Simone Faustino/CE02133JP
Marina Rosas, Lorena Alves e
Janaina Brás*

* Jornalistas formadas pela UFC, aguardando registro profissional.

Fotos

Davi Pinheiro
Júnior Panela/CE00100RF

Projeto Gráfico

Diego Normandi

Ilustrações e Diagramação

Yuri Leonardo

Mídia

Lívia Rosas

Revisão

Maria das Dores de Oliveira Filgueira
Sílvia Marta Costa

Tiragem

7.500 exemplares

Periodicidade

Bimestral

CTP e impressão

Expressão Gráfica

Crescimento planejado

Em 2007, quando o Governo Federal propôs a adesão das Instituições de Ensino Superior ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), foi compreensível reinar o ceticismo em um primeiro momento. Afinal, como acreditar em vultosos orçamentos para melhorar a qualidade de instituições que vinham de décadas de descaso e sucateamento? E que consequências essa nova realidade geraria? Quatro anos depois, circulando pelos corredores acadêmicos, a avaliação positiva de gestores, docentes e alunos sobre o Reuni na Universidade Federal do Ceará beira à unanimidade.

A partir da página 16, *UP* mostra os frutos da implantação do Programa nas áreas de infraestrutura, cultura, pesquisa e pós-graduação. A repórter Simone Faustino apresenta números e exemplos de como é possível expandir a Universidade sem perder o norte da qualidade na formação de profissionais e no apoio ao desenvolvimento científico e cultural de nosso Estado.

Também na presente edição, o leitor conhecerá mais um fatídico exemplo de como a Justiça brasileira parece caminhar mesmo a passos de tartaruga. Ou nem isso. Passados 20 anos do assassinato do cineasta Eusélio Oliveira, a família do também ex-professor da UFC já não tem esperanças em ver o caso resolvido. A repórter Janaína Brás mostra que o grande número de recursos impetrados pela defesa do réu e a própria morosidade do Poder Judiciário são as principais razões que fazem perpetuar mais esse caso de impunidade no País.

Nesta *UP* 64, Hébelly Rebouças apresenta os percalços de uma situação cada vez mais recorrente na Universidade: de repente, o professor que se preparou a vida toda para a sala de aula e a pesquisa se vê diante da missão de coordenar ou gerir um curso de graduação ou unidade acadêmica. Nas páginas 12 e 13, você descobre o que a UFC – atenta ao tema – tem realizado para amenizar os efeitos dessa "novidade" no cotidiano de pesquisadores da Instituição.

Você ainda conhecerá e saberá como funcionam os Bacharelados Interdisciplinares, modalidade que oferta uma formação mais ampla ao estudante universitário e que tem conseguido combater um dos males do ensino brasileiro: a evasão – pelo menos 15 universidades federais já oferecem esse tipo de graduação. Outra matéria mostra o trabalho da UFC na elaboração de itens para o Exame Nacional do Ensino Médio, iniciativa que deve garantir mais segurança e igualdade de condições aos estudantes que fizeram o ENEM.

E em nossa entrevista principal, o pesquisador e escritor Renato Janine Ribeiro, também Professor Titular de Ética e Filosofia Política da Universidade de São Paulo (USP), analisa a pesquisa em Ciências Humanas no País e discute eventos da agenda política brasileira.

Esta é a última edição de 2011. Fica o desejo de que o próximo ano seja repleto de avanços para a produção científica e acadêmica da UFC. A equipe de *UP* deseja a todos um Feliz Natal e um próspero 2012!

Boa leitura e até a próxima!

Gustavo Colares
EDITOR UP



NOSSA CAPA

Fotografia
de Jr. Panela



16 CAPA EXPANSÃO DA UFC

Quatro anos após a implantação do Reuni na UFC, apresentamos os avanços em infraestrutura, cultura, pesquisa e pós-graduação na melhor universidade cearense

7 ENTREVISTA RENATO JANINE RIBEIRO

Professor Titular de Ética e Filosofia Política da Universidade de São Paulo (USP) analisa percalços da pesquisa em Ciências Humanas no País e o contexto político brasileiro



12



DE REPENTE GESTOR

Os desafios de professores que deixaram de lado a sala de aula para se dedicar à coordenação de cursos e unidades acadêmicas

14



A UFC NO ENEM

Após chamada pública, começa a participação da UFC na elaboração de novos itens para o Exame Nacional do Ensino Médio

24



QUANDO A JUSTIÇA FALHA

Grande número de recursos e morosidade do Poder Judiciário perpetuam a impunidade no caso do cineasta Eusélio Oliveira

34



MÚLTIPLA FORMAÇÃO

O que são os Bacharelados Interdisciplinares e como conseguem combater um dos males do ensino brasileiro: a evasão escolar

■ ENTREVISTA

por Gustavo Colares

A ciência é política

Este ano parece não ter sido dos melhores para a classe política. A despeito dos interesses ideológicos irrelevantes – *pero no mucho* – dos grupos de comunicação, denúncias de corrupção pipocaram ao longo dos últimos 11 meses em telejornais e revistas. Apesar de questionáveis por atacar apenas um lado do problema, marchas contra a corrupção também se espalharam pelo Brasil em 2011. As 594 vassouras fincadas em frente ao Congresso Nacional, em Brasília, representando cada um dos nossos deputados federais e senadores, compõem uma imagem que o brasileiro não deve esquecer tão cedo. Afinal, aumentou a corrupção no País?

Na entrevista a seguir, o Professor Titular de Ética e Filosofia Política da Universidade de São Paulo (USP) Renato Janine Ribeiro considera que não. Para ele, o que há é mais transparência e informação sobre a corrupção – o que nos tempos da ditadura militar, por exemplo, não acontecia. Segundo o filósofo e escritor, o índice mais utilizado para medir a corrupção é o de sua percepção, ou seja, não consegue mensurar, propriamente, a realidade. Além disso, órgãos governamentais de fiscalização das contas públicas têm agido mais, fazendo-nos acreditar que vivemos no momento mais corrupto de nossa história recente.

Não é de hoje, porém, que o brasileiro se conserva distante da política. Isso porque, afirma Janine Ribeiro, somente na última década a maioria da população pôde auferir resultados positivos práticos de seu voto – um paradoxo, sim. E se o povo parece começar a acordar para a discussão da coisa pública, assim fará a partir de suas convicções, incluindo a fé religiosa, como aconteceu na última eleição presidencial. Essas e outras análises políticas você terá a seguir.

Ex-diretor de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Renato Janine Ribeiro discute, em outra parte da entrevista, o lugar das Ciências Humanas no atual contexto de crescente demanda por engenheiros e profissionais de tecnologia no País. Se para alguns pesquisadores há perseguição contra a área de Humanas, para o filósofo uspiiano a realidade apenas se impõe: experiências laboratoriais nas áreas de exatas e engenharias têm custo mais elevado, o que justifica orçamento maior para elas.

Nas próximas páginas, Janine Ribeiro discorre ainda sobre um erro da internacionalização dos pesquisadores brasileiros de Ciências Humanas e analisa por que a pesquisa científica no País prevalece nas universidades públicas.



UP – Por conta das obras de infraestrutura para os eventos esportivos que acontecerão no País em 2014 e 2016, há uma forte demanda por profissionais de engenharia e da área de tecnologia no Brasil. Qual o espaço das ciências humanas nesse contexto?

RJR – As ciências humanas sempre ficaram em segundo plano, e são muitas as razões. Alguns acham ser perseguição, eu não. Certas pesquisas laboratoriais são muito caras, então para fazer certos trabalhos da Química e da Física há um gasto de laboratório muito mais alto que o nosso gasto em ciências humanas, que é basicamente em livros. Além disso, as ciências exatas, biológicas e as engenharias costumam ter projetos mais globais, costumam ter grupos para uma pesquisa mais abrangente, que reúne bastante gente; nas humanas tem muitos trabalhos individuais ou em pequenos grupos. Então, é evidente que o poder de fogo ou mesmo o impacto do trabalho seja diferente em função disso. Óbvio que há ótimos trabalhos de uma pessoa somente ou de um pequeno grupo, mas geralmente quando tem muita gente reunida – que acontece mais nas ciências exatas, biológicas e nas engenharias – há mais impacto. No momento em que o Brasil voltou a crescer, no Governo Lula (2003-2010), faltou engenheiro, e está faltando ainda. Formar um engenheiro, na graduação, são cinco anos; na pós-graduação são mais quatro. Por isso que o Governo está, inclusive, pensando em mandar muitos estudantes ao estrangeiro para se prepararem. O que falam de número de engenheiros necessários para a Petrobras é de muitos milhares, inclusive com pós-graduação. Agora, a formação de engenheiro é de um raciocínio muito bom, pragmático, de resolução de problemas, mas falta, muitas vezes, um aprofundamento da apropriação social do que é gerado; não estou falando da construção social do conhecimento, mas da apropriação social do conhecimento. Para muitos de nossos colegas que não são de humanas, por exemplo, existe a necessidade de aumentar a produção de alimentos para fazer face à fome no mundo. Sabemos, porém, que o problema não é tanto de aumento



de produção, mas de desperdício e de acesso. Há um desperdício de alimentos muito grande. O representante da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) no Brasil orçou isso em 40% – alimentos que não chegam a seu destino, que estragam no caminho ou são estragados na geladeira. E todo esse alimento requereu insumos: gastou-se energia, água, mão-de-obra... E sobre a distribuição, temos ainda uma rede muito desigual de acesso ao alimento, a desigualdade social é gritante; e isso poucas vezes é estudado. As pessoas que trabalham com ciências humanas deveriam considerar como prioridade delas passar às pessoas das áreas de exatas, biológicas e engenharias uma compreensão melhor de como funciona a sociedade.

UP – O senhor menciona no livro “Por uma Nova Política” a falta de compreensão das Exatas para as Humanas, e

dessa para as Biológicas. Como diminuir esse afastamento entre os diferentes ramos das ciências?

RJR – Penso ser muito difícil certas áreas humanas se desenvolverem hoje sem estudar o DNA, os avanços que houve nas ciências biológicas. Na medida em que toda uma parte de características da personalidade do indivíduo é atribuída, por pesquisadores da Biologia, a traços genéticos, quem é de ciências humanas precisa saber melhor como isso funciona e quanto isso vale. Por outro lado, as pessoas que trabalham com DNA, por exemplo, deveriam ser mais modestas e perceber que muito do que elas atribuem à genética pode ser fruto da educação, da formação cultural. Num segundo ponto, penso que as ciências humanas deveriam dar muita importância a como se apropriam socialmente os ganhos de conhecimento, produção etc. A grande batalha dos úl-

timos anos é a disputa pelos meios de produção. Temos uma sociedade que se tornou extremamente mais produtiva, com os avanços da informática nos últimos 30 anos, e que ao mesmo tempo tem como discurso dominante que as pessoas têm de trabalhar mais tempo do que aumentou a expectativa de vida delas. Mas se as pessoas estão produzindo agora por dois ou por três, não fecha muito bem essa conta. Nós passamos a ter uma sociedade onde as pessoas trabalham por mais anos, e onde tem muita gente sub e desempregada. Na verdade, esses dois problemas poderiam ser um lado e outro de um mesmo problema. Ou seja, a falta de diálogo acaba por trazer impactos terríveis.

UP – Como o senhor avalia o papel das agências de desenvolvimento da ciência no Brasil no tocante às pesquisas em ciências humanas?

RJR – Fui diretor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na área de avaliação. Uma de minhas tentativas lá foi fazer com que as áreas humanas fossem avaliadas por critérios pertinentes a elas, que publicam pouco em revistas e mais em livros, publicam mais em português do que em inglês. Isso é da natureza delas. Incentivar as pessoas a escrever mais em inglês, participar de eventos mais internacionalmente é uma coisa, mas obrigá-las a entrar numa que não é a delas é complicado. Há um conflito, de fato, mas não é possível dizer que um lado está totalmente errado e o outro, totalmente certo. As agências têm uma tendência forte a se pautar pelos critérios ou das biológicas ou da Física, tanto que, quase sempre, quem dirige as agências vem dessas áreas, o que dá um viés mais favorável a elas. Por outro lado, as pessoas de Humanas relutam muito em mostrar o seu valor. Eu sinto falta na área de Humanas é de as pessoas irem à luta, mostrar que têm trabalho e que é pertinente. Por exemplo, se for proposta uma discussão sobre universidade e sociedade, é muito provável que muitos engenheiros e cientistas pensem que universidade e sociedade é uma relação entre universidade e empresa. É errado; a sociedade é muito mais que uma em-

“Nossos pesquisadores de Humanas se internacionalizaram mal. Fizeram aquilo que era da agenda desse grupo [francês, inglês ou estrangeiro], em vez de tentar uma agenda da própria equipe aqui.”



presa. Mas o pior é que muita gente de Humanas vai concordar e vai repudiar essa discussão, em vez de dizer “vamos mostrar à sociedade os movimentos sociais, mostrar o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra” – você goste ou não, o MST faz parte da sociedade. A relação universidade e sociedade não é somente como você ganha mais dinheiro ou como a Petrobras deve ser mais produtiva, é também fazer com que os movimentos sociais participem disso tudo. Tem faltado por parte da área de Humanas um maior empenho em lutar por ocupar maior espaço.

UP – A França é tida como referência mundial quando se fala em ciências humanas e sociais. Como está a qualidade das pesquisas nessa área em nosso País? Estamos perto de ter um centro de excelência em Humanas?

RJR – A pesquisa em ciências humanas na França foi muito forte até os anos de 1970. De lá para cá, decaiu. Tem grandes nomes que não foram retomados: Michel Foucault, Gilles Deleuze e Claude Lévi-Strauss não tiveram sucessores à altura, por exemplo. Durante uns 30 anos, de 1945 a 1975, a França foi um lugar de destaque fortíssimo nas ciências humanas, talvez o melhor lugar do mundo, mas depois decaiu. Hoje o país não está com esse poder todo; continua com pesquisas muito boas, mas não existe essa espécie de abismo que antes existia entre nós e eles. Deste ponto de vista, temos gente de grande capacidade que teria destaque internacional não fosse a língua. A língua portuguesa acaba sendo um problema sério para nós, pois quase toda divulgação de pesquisa relevante é feita em inglês e, no caso das ciências humanas, também em francês e, talvez, em alemão um pouco. Outro problema: estou convencido de que os nossos pesquisadores de Humanas se internacionalizaram mal. Isto é, como a internacionalização passou a ser uma regra, eles foram se internacionalizar geralmente na base de se acoplarem a algum grupo francês, inglês ou estrangeiro bom, mas fizeram aquilo que era da agenda desse grupo, em vez de tentar uma agenda da própria equipe aqui. Nas Humanas é muito normal que se

deflagre uma discussão a partir de algo vivencial, um acontecimento da semana passada, do mês passado; do atentado às torres gêmeas, nos Estados Unidos, ao câncer do ex-presidente Lula. Tudo isso pode deflagrar uma série de discussões e isso é muito legítimo, mas a comunidade brasileira tem muito pouco hábito de discutir isso como tema sério. Ela pode até opinar a respeito, mas como tema sério ela não discute, não considera trabalho científico. Ao passo que o francês considera. Resultado: às vezes temos – o que é extraordinário e paradoxo – colegas nossos discutindo um acontecimento desse tipo que ocorreu na França e com os franceses, mas não se está discutindo algo que aconteceu mundialmente com a comunidade brasileira. Temos uma comunidade científica, no caso das Humanas, de poucos laços comunitários.

UP – No Brasil, quando se fala em pesquisa, quase sempre diz respeito à universidade pública. Temos pouca pesquisa na iniciativa privada. Por que essa deficiência?

RJR – A primeira razão é muito simples: pesquisa é investimento a fundo perdido, não há garantias. Um exemplo: o empresário já falecido Ney Bittencourt de Araújo dizia que no couro usado para os nossos sapatos – que são muito bons –, utiliza-se uma cola que foi criada para couro de vaca de outros sistemas, gados que comem um capim diferente, bebem água diferente, pastam em terra diferente, vivem em clima diferente. Essa cola não é exatamente a mais adequada para os nossos sapatos; ela vale na maior parte, mas não é a cola exata para os feitos aqui. Se é feita uma pesquisa disso, não se sabe no que vai dar, se dará certo ou errado. Você investe dinheiro em algo que, muitas vezes, não traz o resultado almejado. Para uma empresa é mais lucrativo comprar tecnologia já testada e aprovada, mesmo que tenha alguma deficiência, do que fazer a pesquisa e correr esse risco. Muitas vezes, o empresário brasileiro prefere que o governo corra esse risco. No Brasil, 30% das patentes, se não me engano, são requeridas pelas universidades, quase todas públicas. Nos Estados Unidos elas requerem apenas

3%. Ou seja, lá, 97% da pesquisa que gera patente é pelas empresas. Quanto às universidades privadas, não saberia te dizer mais do que isso: pesquisa é cara, corre sempre o risco de dar tudo errado. Não estou respondendo por elas, mas temos uma falta de empenho do próprio mundo empresarial.

UP – Mudando de assunto: a sociedade brasileira vive um momento de descrédito generalizado da classe política, principalmente em relação ao Legislativo. Essa percepção é recente? Como avalia esse atual cenário?

RJR – Primeiro, está havendo muito mais transparência da corrupção, mui-

“O Estado deveria ser laico, mas se você quer que as pessoas tenham uma participação efetiva na discussão da coisa pública, elas terão essa participação com base nas convicções delas.”

to mais informação a respeito. Antigamente, no tempo da ditadura, esse tipo de informação era vedado. Não se pode fazer uma comparação e dizer que aumentou a corrupção. Há um dado básico, mesmo a corrupção sendo de mensuração muito difícil: o mais utilizado é o índice de percepção, da Transparência Internacional, onde as pessoas opinam, dizem o que acham. Ou seja, é de percepção, não de realidade da corrupção. Se a Escandinávia encabeça a lista dos países onde há menos percepção, pode ser que lá, de fato, haja pouca corrupção. Mas, no limite, pode haver vários países extremamente corruptos onde a corrupção é muito bem feita. Tivemos no Brasil, por muito tempo, esse proble-

ma de que você não percebia e, portanto, acreditava que não existia. A própria Advocacia-Geral da União (AGU) divulgou um dado de quanto a corrupção teria tirado do Brasil nos últimos anos que é espantoso. Por outro lado, há um dado bom, que é termos órgãos, como o Tribunal de Contas da União (TCU), e auditorias que estão investigando cada vez mais. O lado negativo: quase toda discussão política hoje no Brasil passa pela questão de termos ou não corrupção. Não tem, na mídia, discussão sobre projetos políticos.

UP – O seu livro “Política - Para Não Ser Um Idiota”, escrito em parceria com Mario Sergio Cortella, fala de um distanciamento que o brasileiro tem da política...

RJR – Tem os dados conjunturais e os culturais. Mas eu diria essencialmente o seguinte: você se interessa por aquilo que dará frutos. Quando se tem uma experiência de realizar modificações, de alguma forma você se interessa por ela. O governo passado, do Lula, promoveu uma inclusão social muito grande: é bem provável que grande parte dos mais pobres que subiram de nível de vida tenha se convencido de que o voto deles tinha trazido resultado, e que, portanto, vale a pena votar. Por outro lado, quando você sente que existe desvio de dinheiro muito grande – a questão da corrupção –, pode-se achar inútil votar, atuar na política. A política é abstrata, não diz respeito a algo que se faz sozinho ou somente com as pessoas próximas. Em qualquer dimensão política relevante há milhões de pessoas envolvidas. Para eleger um vereador em Fortaleza é preciso muito voto, assim como para eleger prefeito é preciso fazer uma inflexão política, precisa-se de muita gente. Isso faz com que a sensação da inutilidade do indivíduo seja muito grande, você é apenas um em milhões. Então, tem de ter um resultado, e quando você sente esse resultado fica bom, mesmo a educação política sendo muito fraca no Brasil.

UP – Nas últimas eleições, crenças religiosas ocuparam espaço maior no debate cotidiano. Quais as consequên-



cias disso para um Estado que se pretende laico?

RJR – O Estado deveria ser laico, mas o fato é o seguinte: se você quer que as pessoas tenham uma participação efetiva na discussão da coisa pública, elas terão essa participação com base nas convicções delas. E faz parte das convicções das pessoas, entre outras coisas, a fé religiosa. Não há como negar a legitimidade de opiniões dos religiosos. Agora, você pode cobrar. Para quem o aborto é um assassinato, deveria ser cobrado que essas pessoas se empenhassem mais em cuidar das crianças que eventualmente nasçam indesejadas. Empenhar-se em fazer campanhas e tornar as crianças indesejadas em desejadas. Ser contra apenas e não ter responsabilidade alguma em resolver problemas sérios é complicado. Quem

é contra aborto, geralmente, é contra medidas contraceptivas, mas não fazem nada para reduzir o problema, só agravam. Cabe à sociedade cobrar deles a falta de consistência teórica e até moral desse tipo de postura. Essa é uma questão política que tem de ser feita e não pode ser substituída, não pode ser de outra forma.

UP – Neste ano, o Congresso tentou retomar o projeto da reforma política, modificando a lei eleitoral. O que o senhor pensa sobre os votos distrital e em lista?

RJR – Você não resolve problemas sérios políticos simplesmente com mudança da lei eleitoral. Quando se tem um sistema que existe no Brasil há pelo menos 60 anos, tem de ser muito cauteloso para modificá-lo, levar em conta

muita coisa e não simplesmente usar uma solução mágica. Vejo muitas pessoas falarem que nosso sistema é tão absurdo que qualquer pessoa de bom senso o mudaria. Eu não acho que algo que existe há 60 anos seja assim. Não sei se gostaria de votar num partido que escolhesse por mim qual candidato está na cabeça de lista e qual não está. E penso que muita gente também não gostaria. Corre-se risco grande com essas mudanças. O voto distrital tem outro problema: com ele poderia baixar muito a qualidade dos deputados, pois eles vão representar suas regiões. Não vai ter deputado que represente uma opinião, que é votado no estado inteiro. Um Fernando Gabeira poderia nunca mais ser eleito. Os votos dele, provavelmente, estão em todo o Estado do Rio, e o voto distrital favorece o curral geográfico. É um problema delicado.

UP – Em recente artigo para o "Observatório da Imprensa", o senhor discorreu sobre liberdade de expressão e censura, a partir do caso do humorista Rafael Bastos...

RJR – A liberdade de expressão é fundamental. Mas todas as liberdades são passíveis de converterem-se em crimes. Você pode ter a liberdade de andar, de caminhar, de fazer uma série de gestos, no trânsito etc. Mas com esses gestos você pode matar uma pessoa, então tem de ser punido pelo crime que cometeu. Isso vale para a liberdade de expressão. Quem comete crime seja caluniando ou difamando, deveria ser sujeito a uma lei penal da mesma forma que todo mundo. Os abusos são crimes e devem como tais ser punidos. No artigo, coloquei que tivemos uma esperança na liberdade de imprensa muito grande. E quando se falava disso no tempo da ditadura militar, era: havendo liberdade de expressão, vamos ter desenvolvimento cultural e intelectual gigantesco. E hoje, quando se fala em liberdade de expressão, é para defender o lixo. Não que o lixo não possa ser veiculado ou censurado, não penso isso. Mas é triste que a discussão pública no Brasil seja tão ruim e acaba favorecendo mais o que é de qualidade ruim, inclusive preconceituosa, agressiva e até quase criminosa. 🗣️

PROFISSÃO: PROFESSOR GESTOR

Da sala de aula ao gabinete da coordenação ou à diretoria de uma unidade acadêmica. Em determinado momento da carreira, o professor se vê obrigado a assumir o papel de administrador. As dificuldades são inúmeras, mas a Prograd planeja maior acompanhamento

por Hébely Rebouças

Durante boa parte da carreira de um professor da Universidade Federal do Ceará, executar bons projetos de pesquisa e garantir um bom desempenho em sala de aula são as únicas preocupações. Mas, cedo ou tarde, um novo desafio acaba batendo à porta: o docente é “convidado” a assumir a coordenação de um curso, a chefia do departamento ou mesmo a direção de uma unidade acadêmica. De professor, passa a ser também gestor. Com um detalhe: às vezes, sem experiência e formação suficiente para lidar com os desafios do mundo administrativo.

É como “cair de paraquedas” em uma seara pouco conhecida, resume o Prof. Leandro Masuda, coordenador do curso de Educação Física da UFC. “Há uma série de detalhes que você não sabe, especialmente em relação ao uso do Sistema Integrado de Gestão de Atividade Acadêmica (SIGAA), e não tem ninguém ali para ajudar”, descreve, ao relembrar as primeiras sensações como titular da coordenação, onde chegou no início de 2011.

Para Masuda, ainda mais complicado que ter de manusear as ferramentas de gestão é aprender o jogo



de cintura para tratar com um amplo universo de interesses, vaidades e conflitos pessoais de professores e alunos. “Uma das maiores dificuldades do coordenador é sensibilizar seus pares, porque são seus colegas, há uma relação delicada. Alguns professores têm uma prática que não condiz com as regras da Universidade... Aí você tem de chamar, compreender, o que não é fácil”, explica.

É por isso que “diplomacia” vira palavra de ordem quando se chega a um cargo de gestão na Universidade. Quem constata é o coordenador do curso de Ciências Econômicas, Prof. Marcelo Calado, que também já foi chefe de departamento. “Os alunos chegam todo dia falando de problemas, na perspectiva deles. Do outro lado, há egos diferentes. Gera-se uma incompreensão muito grande de parte a parte. Não há fórmula para resolver esses impasses, você tenta fomentar o diálogo”, afirma Calado.

Ele – que é da área das ciências sociais aplicadas e, em tese, teria mais facilidade para se adaptar à arena administrativa – também lembra que, no início, se viu perdido em meio às peculiaridades do setor. “Tudo exige uma quantidade muito grande de papéis, formulários, coisas a serem preenchidas. Os professores se sentem inundados com aquela quantidade absurda de papel. O único remédio é o tempo, a gente começa a descobrir como as coisas funcionam. É o método da tentativa e erro”, avalia.

Por causa do desconhecimento e da falta de prática do coordenador com a burocracia, alguns equipamentos para o curso de Fisioterapia acabaram demorando um pouco mais a chegar. O gestor à época, Roberto Pires Neto, conta que fez ofício, abriu protocolo de entrega, mas “tudo do jeito errado” – o que, conforme admitiu, “gerou retardo na aquisição do material e comprometeu o trabalho na graduação”.

Mas, assim como os colegas, Roberto teve o tempo como aliado. Para melhorar o fluxo de informações na coordenação, pediu apoio à Secretaria de Tecnologia da Informação

(STI) e montou site para o curso de Fisioterapia, até hoje em funcionamento. O diálogo com estudantes foi facilitado através da rede de microblogs Twitter – uma experiência que ele sugere aos demais gestores.

Preparação

Do conhecimento sobre a estrutura da máquina pública à frequente necessidade de tomadas de decisão, são muitos os desafios do gestor acadêmico. Na UFC, com exceção dos cargos da Administração Superior, são 111 coordenadores de graduação, além dos que estão no comando dos mais de 50 programas de pós-graduação e das 16 unidades acadêmicas, com os respectivos vices.



Utilizar corretamente as ferramentas do sistema informatizado de gestão e mediar conflitos são os principais desafios de um professor gestor



Há alguns anos, a Coordenadoria de Planejamento e Acompanhamento Curricular (Copac), da Pró-Reitoria de Graduação, tem promovido reuniões com esse público – em especial, os coordenadores –, no sentido de promover espaços de troca de experiências e de informações a respeito do dia a dia nas unidades. A novidade é que, em 2011, a Copac decidiu sistematizar esses encontros de forma ampla e estruturada, o que resultou nas primeiras Oficinas de Gestão, realizadas no último mês de outubro.

As Oficinas discutiram temas como uso do SIGAA, o projeto pedagógico dos cursos, o Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade) e o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA), entre outros. “São

temas de alta relevância para a concepção dos cursos e que têm desdobramento para toda a vida acadêmica. Quando a gente fala sobre isso, ao mesmo tempo estamos ajudando o coordenador em suas tomadas de decisão”, afirmou a titular da Copac, Prof^a Inês Mamede.

Segundo ela, a ideia é que as Oficinas de Gestão passem a ter data fixa no calendário universitário, sendo ofertadas anualmente – com temas que podem mudar a cada edição, dependendo das demandas dos coordenadores. Pelo menos por enquanto, não há projeto de estendê-las a outros setores da Universidade.

Perfil gestor

Na avaliação de Inês, a necessidade de se lapidar um perfil de gestor entrou apenas mais recentemente na pauta da Universidade. Ela explica que é bastante heterogêneo o quadro de coordenadores e chefes, com alguns personagens mais experientes e outros sem qualquer vivência na área.

Uma das possíveis razões para alguns dos problemas relatados pelos gestores ouvidos pela reportagem de UP é a forma como eles são escolhidos para o cargo. Na maioria das vezes, o coordenador é definido por exclusão. “Como o sistema é de rotação (há um esquema de revezamento), o processo de escolha leva em conta basicamente a disponibilidade do professor. Pouquíssimos desejam esse papel, a maioria considera que não compensa”, relata o Prof. Marcelo Calado.

Dessa forma, por vezes, critérios como liderança, capacidade de comunicação e experiência administrativa acabam passando batido nas eleições para o posto. A Copac tenta acompanhar as mudanças, mas, conforme observa Inês Mamede, esse trabalho acaba prejudicado por conta da discrepância entre os calendários de substituições nas ordenações de cada curso. Segundo ela, se todos os coordenadores e vices fossem eleitos ao mesmo tempo, ficaria mais fácil realizar um trabalho de formação desse público. Fica a dica para a UFC. 🗣️

Fortalecendo o ENEM

Depois de chamada pública do Inep/MEC, a UFC participa da elaboração de novos itens para o Exame Nacional do Ensino Médio. O trabalho deve garantir mais segurança e isonomia aos estudantes que fizeram o ENEM

por Lorena Alves

Ao longo de tantos vestibulares e seleções realizados, a Universidade Federal do Ceará tem-se firmado como instituição autônoma e experiente no que diz respeito à organização de processos seletivos. Na segunda metade deste ano, a UFC deu mais um passo nessa caminhada: tornou-se polo de elaboração para o Banco Nacional de Itens do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A adesão da Instituição foi concretizada através de chamada pública feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), entidade responsável pelo ENEM, que convocou as instituições federais públicas de Ensino Superior a participarem da produção de questões para o Exame.

Para uma instituição habituada a coordenar o vestibular mais concorrido do Estado, a missão não foi das mais difíceis, mas exigiu alterações na estrutura da comissão avaliadora da Coordenadoria de Concursos (CCV) da Universidade. Se o antigo vestibular era dividido em oito disciplinas, o ENEM, por sua vez, arquitetou-se em apenas quatro áreas de conhecimento: Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Linguagens e Códigos, todas subdivididas em temáticas específicas.

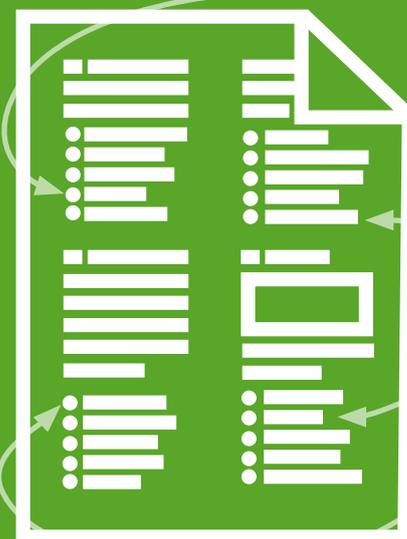
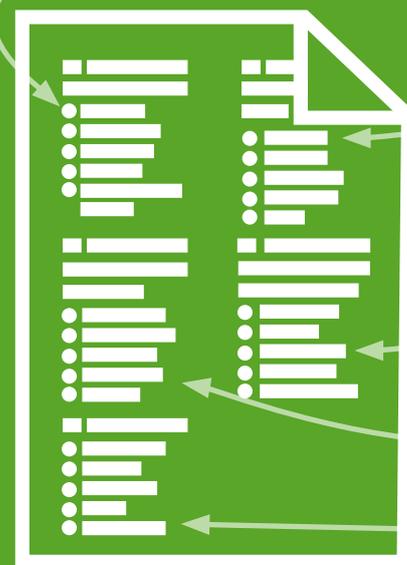
Após a Universidade ter sido aceita na chamada pública, os coordenadores da comissão passaram por treinamentos em Brasília. “Depois da capacitação, tivemos de assinar um termo de responsabilidade e sigilo e, a partir

desse convênio, a Instituição enviou a lista de colaboradores”, explica o professor da UFC que coordena uma das quatro áreas de conhecimento. Por questões de segurança, *UP* não pode identificá-lo. A equipe de colaboradores da UFC é extensa: um coordenador geral, quatro coordenadores por área, 17 revisores das subáreas e mais de 80 elaboradores de itens.

A coordenadora da CCV, Prof^a Maria de Jesus Correia, confirma que o processo exige muita responsabilidade e discrição. “Os itens só podem ser elaborados no espaço físico da Coordenadoria de Concursos da UFC. Os livros, uma vez trazidos para o ambiente de produção, não podem mais ser retirados, a não ser no processo final de elaboração”, observa Maria de Jesus, que também é presidente da Comissão Permanente de Seleção.

Depois de uma comissão de coordenadores retornou da capacitação na Capital Federal, a tarefa foi formar a equipe de revisão e, posteriormente, fazer uma chamada pública na Universidade a fim de convocar os elaboradores de questões para o ENEM. Grande parte dos docentes envolvidos no processo já carregava na bagagem larga experiência com processos seletivos, inclusive no próprio vestibular da UFC.

Uma das revisoras, que também não pode ser identificada nesta reportagem, vasculha a memória e recorda um dos equívocos mais cometidos na hora da elaboração de itens. “Às vezes, o autor



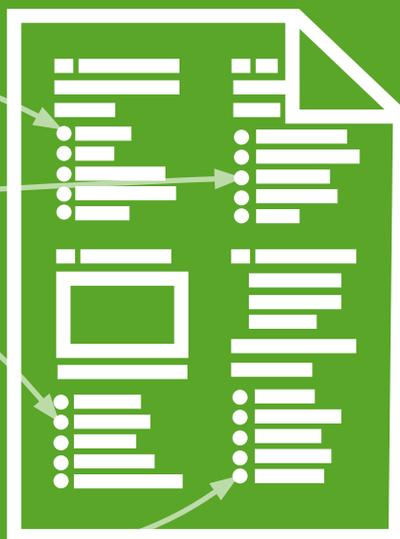
A

B

C

D

E



A

B

C

D

E

se alonga e diz mais do que o necessário. Alternativas imensas, enunciados enormes”, exemplifica a professora. “Revisor é uma espécie de controle de qualidade, porque avalia vários aspectos técnicos dos itens; e coautor, pois pode sugerir alterações. Ele é um filtro entre o Inep e a Universidade”, completa.

UP conversou ainda com um dos futuros elaboradores de itens do ENEM, também mediante preservação de sua identidade. Segundo ele, o novo Exame adotou mudanças consideráveis de elaboração. “Evitamos apelar para uma aprendizagem estritamente de conteúdo, e sim para uma visão geral, um raciocínio mais amplo”. E complementa: “O aluno que gosta de ler, que procura ter uma cultura geral, uma participação na sociedade, na vida social do seu país, da sua cidade, normalmente se sai melhor no ENEM do que o aluno que gostava mais de ficar resolvendo um problema”.

Para que o Exame seja “neutro”, os professores envolvidos na elaboração devem evitar a abordagem de traços regionais, já que o parâmetro é nacional. “Montar questões, do ponto de vista do ENEM, é muito difícil”, opina um dos elaboradores. O coordenador de uma das áreas de conhecimento ouvido por UP atenta ainda para a ruptura do Exame com um modelo tradicional de avaliação. “O ENEM é uma mudança de paradigma na maneira de avaliar, pois aborda outras habilidades mentais”, analisa. Ele afirma também que a mudança no modo de avaliar acaba influenciando os métodos de ensino. “A preocupação das escolas é de como se adaptar a essa nova realidade, como fazer com que os alunos aprendam a exercitar outras competências mentais”.

Mais segurança

Antes, as chamadas públicas do Inep eram feitas apenas de modo individual. Os professores da rede pública eram inscritos independentemente da adesão de sua instituição. Com a mudança, a Profª Maria de Jesus Correia acredita que o processo se tornará mais institucionalizado e reforçará o banco de itens. O método do ENEM utiliza a Teoria de Resposta ao Item e baseia-se na aplica-

A equipe de colaboradores da UFC para o ENEM é extensa: um coordenador geral, quatro coordenadores por área, 17 revisores das subáreas e mais de 80 elaboradores de novos itens e questões

ção de pré-testes, que visam avaliar o grau de aceitação e o nível do Exame. Os testes são aplicados em alunos nas faixas laterais aos respondentes do ENEM, ou seja, estudantes matriculados no 2º ano do Ensino Médio e no 1º semestre da universidade.

Ainda de acordo com a presidente da CCV, o aumento considerável na quantidade de itens deverá diminuir as possibilidades de vazamento ou desvio prévios de informação, tendo em vista que os itens utilizados no pré-teste de uma escola, por exemplo, dificilmente se repetirão no exame oficial, dado o vasto banco de questões que será formado. Até o dia da capacitação oferecida pelo Inep, 57 instituições se haviam inscrito na chamada pública do Instituto.

Em relação a falhas de aplicação do Exame que ocorreram em edições anteriores, como impressão errada de cadernos de provas, a Profª Maria de Jesus afirma que elas não se repetiram este ano. “Tivemos um ENEM perfeito, amadurecido. Não houve nenhum episódio que denegrísse a aplicação do Exame”, disse. Para que seja iniciada a confecção dos itens, os professores estão à espera da senha de acesso ao *software* gerenciado pelo Inep. O processo de elaboração nas universidades deverá se estender até junho de 2012. Após essa etapa, os itens ainda serão submetidos ao crivo de outros revisores do Instituto. Assim, o estudante que se submete à prova do ENEM poderá responder a uma questão elaborada por seu futuro professor, mas nunca saberá. 🗣️

QUATRO ANOS DE REUNI NA UFC

Quatro anos depois de implantado o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) na UFC, a Instituição colhe os frutos do investimento em diversas áreas. Nesta edição, apresentamos avanços em pesquisa, pós-graduação, cultura e infraestrutura

por Simone Faustino



Cursos de pós-graduação se tornaram realidade nos campi da UFC no Interior, como o Mestrado em Biotecnologia, em Sobral. O novo prédio da FEAAC, em Fortaleza, terá entrada pela Rua Marechal Deodoro. Criação da Licenciatura em Teatro ampliou o espaço da cultura na UFC



O ano era 1997. Os recursos para pesquisa no País, e, conseqüentemente, na Universidade Federal do Ceará, não tinham regularidade. Bolsas? Poucas, e com atrasos mais do que comuns. Infraestrutura era outra preocupação, que levava os recém-ingressos na pós-graduação, como o físico Antonio Gomes de Souza Filho, a buscar parcerias para realizar pesquisas na área experimental. “Tivemos a sorte de ter a Funcap, que em alguns momentos concedia mais bolsas que o CNPq e a Capes juntos”, relembra, citando a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Naquela época, o grande desafio da UFC era consolidar os vários cursos de mestrado já criados, para, quem sabe, melhorar sua avaliação e pleitear doutorados. Em muitos deles, esse sonho somente veio a concretizar-se a partir dos anos 2000. “A UFC não tinha muitos programas de pós-graduação, principalmente em nível de doutorado. A primeira defesa de tese de doutorado na Universidade foi defendida na Física em 1993, ano que eu estava ingressando na graduação”, conta.

Catorze anos depois, a UFC atinge a marca de seu 101º curso de pós-graduação aprovado, o Doutorado em Filosofia. “O crescimento da graduação previsto no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) tem impacto direto na pós-graduação, pois aumenta a interação entre ambas. Em um futuro próximo, daqui a dois ou três anos, o que veremos é uma nova leva de cursos de mestrado fruto dos cursos de graduação criados na Instituição”, antecipa o Prof. Gil de Aquino Farias, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, frisando o crescimento de quase 50% na oferta de vagas de pós-graduação (*stricto e lato sensu*), apenas nos últimos quatro anos.

Embora os números impressionem, a preocupação da UFC não é competir por competir, mas apresentar uma proposta de crescimento qualitativo. Para Gil de Aquino, o básico dessa política é tratar diferente os diferentes. Ao con-

trário da graduação, na qual a Instituição tem autonomia para criar e iniciar cursos, os programas de pós-graduação não dependem somente da Universidade que os abrigará. “Quando se cria um curso de mestrado ou doutorado, ele deve ser uma referência em comparação com qualquer curso semelhante do Brasil. O corpo de avaliadores é formado por professores e pesquisadores daquela área, oriundos de diversas instituições de ensino e pesquisa”.

O Pró-reitor indica que a efetivação de um mestrado ou doutorado representa a consolidação de um ou mais grupos de pesquisa. Tal fenômeno tem se espalhado não só pela Capital, mas pelos campi da UFC no Interior. Bons exemplos são o Mestrado em Biotecnologia, iniciado em 2008 no Campus de Sobral, e o Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, instalado no início de 2011, no Campus Cariri.

Com linhas de pesquisa sobre Macromoléculas e Microbiologia Aplicada, o Mestrado em Biotecnologia já formou 27 mestres, a maioria egressa dos cursos de Medicina, Odontologia, Farmácia, Biologia e Química. Estudos de mestrandos e professores do Programa foram premiados na edição 2011 da Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO), na Jornada de Medicina Perioperatória de Sobral (2010) e em encontro da Federação de Sociedades de Biologia Experimental (2008).

Docente do Curso de Odontologia de Sobral e colaboradora do mestrado, a Prof^a Helliada Vasconcelos é autora da pesquisa premiada na SBPqO e coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Dor Orofacial, cadastrado como projeto de extensão. Segundo ela, o foco dos sete laboratórios do mestrado está na pesquisa da ação de substâncias encontradas em produtos naturais no alívio da dor e inflamação. “Já estamos formando vínculos com diversas instituições de renome, como Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Piauí e a Universidade Estadual de Campinas”, lista.

De acordo com a coordenadora do curso, Prof^a Mirna Marques Bezerra, a expectativa para um futuro próximo é a criação de um doutorado na área.

Prof. Antonio Gomes, coordenador da Pós-Graduação em Física: conceito 6 da Capes indica relevância e inserção internacional do curso



Ela afirma estar certa de que isso contribuirá para o crescimento da Região Norte do Estado e para a fixação de mestres e doutores no campus. “Nosso curso objetiva a formação de docentes e pesquisadores para promover o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região, estimulando atividades de ensino, pesquisa e extensão contextualizadas com suas necessidades”, relata, destacando que todas as pesquisas desenvolvidas resultam na aplicação direta de tecnologias para a saúde.

Direitos fundamentais

O Doutorado em Direito da UFC, instalado em junho deste ano, é sintetizado pelo seu coordenador, o Prof. Francisco Gérson Marques de Lima, como uma conquista bastante aguardada. Segundo ele, o distanciamento temporal entre a criação do mestrado (1977) e seu respectivo doutorado deve-se a razões de ordem técnica – como infraestrutura, aumento da avaliação do mestrado, crescimento do número de professores doutores –, e política. “Alguns colegas achavam que, antes do doutorado, tínhamos de investir no mestrado até ter um conceito excelente. Venceu a tese de que tínhamos de lutar pelas duas coisas. Em junho, o novo curso foi criado graças ao esforço do Prof. João Luis Nogueira Matias e da Prof^a Denise Lucena Cavalcante”.

As linhas de pesquisa dessa pós-gra-

EM 2006, A UNIVERSIDADE TINHA
235.144,34 M² DE ÁREA CONSTRUÍDA.
EM 2010, PASSOU PARA
396.900,39 M²,
ACRÉSCIMO DE 68%
EM APENAS QUATRO ANOS

EM 1990, A INSTITUIÇÃO OFERTAVA
2.560 VAGAS NO VESTIBULAR.
NO PROCESSO SELETIVO DE 2011,

5.724
NOVOS ALUNOS INGRESSARAM

NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS,
CORRESPONDENTES À ATUAL GESTÃO
DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR,
A UFC INVESTIU
R\$ 35.739.215,29
EM OBRAS DE INFRAESTRUTURA
EM TODOS OS CAMPI



Para o Prof. Francisco Gérson Marques de Lima, a evasão é um fantasma que não existe mais no curso de Mestrado em Direito da UFC

duação têm como foco os Direitos Fundamentais, embora o doutorado tenha seguido perspectiva mais internacional, especialmente no âmbito do meio ambiente. “A maior autoridade do País em Direito Constitucional, Prof. Paulo Bonavides, faz parte do nosso Programa. Uma das maiores referências nacionais em Direito Tributário também, que é o Prof. Hugo de Brito Machado”, cita.

O coordenador afirma, orgulhoso, que evasão é um fantasma que não existe mais no curso, índice há dez anos bem diferente. “De uma turma de 15 alunos, já aconteceu de ninguém defender a dissertação no prazo. Hoje, nossos alunos do mestrado realmente têm compromisso e querem seguir carreira acadêmica”, assegura, acrescentando que muitos professores da casa são egressos do curso, que hoje tem conceito 4 – de um máximo de 7 – na avaliação da Capes.

“Cria” da Faculdade de Direito da UFC, a advogada Ana Karmen Fontenele ingressou no Mestrado em Direito em 2009 e defendeu sua dissertação recentemente. A jovem aponta o interesse pelo magistério e pela carreira acadêmica como determinante para ter ingressado na pós-graduação *stricto sensu*. Pesquisadora de Direito Constitucional e Direitos Fundamentais Sociais, ela relata os esforços feitos para a melhoria do conceito do curso. “Houve uma grande mobilização a partir de 2007, que implicou o aumento da

Apenas nos últimos quatro anos, aumentou em quase 50% a oferta de vagas em pós-graduação na UFC, que hoje possui 101 cursos de mestrado e doutorado; o mais recente aprovado é o Doutorado em Filosofia

produção acadêmica e participação em diversos eventos científicos. Favoreceu não apenas à Instituição (que ganhou um novo doutorado), mas possibilitou importante incremento curricular para os alunos”.

Referência internacional

O mesmo Antonio Gomes da abertura da matéria, que “ralou” no início da vida de pós-graduando, tornou-se docente do Departamento de Física da UFC e, hoje, responde pelo Programa de Pós-Graduação na área. Ao lado da Pós-Graduação em Farmacologia, o mestrado e o doutorado detêm o cobijado conceito 6 na avaliação trienal

da Capes. A nota indica a relevância e a inserção internacional do curso. Para o coordenador, são vários os fatores que corroboram o êxito. “Um deles é a qualificação dos pesquisadores e alunos. Outro fator decisivo é o grau de comprometimento dos envolvidos com as atividades de pesquisa. Todos trabalham de forma muito intensa”, sinaliza.

Isso tem resultado em diversos artigos com altos índices de citações, em convites para ministrar palestras em eventos internacionais e na visita constante de pesquisadores de várias partes do mundo ao Programa. “Ao longo dos anos, os estudantes de doutorado têm sido estimulados a realizar estágios sanduíche no exterior e no Brasil. Eles têm a oportunidade de trabalhar em grandes instituições e com pesquisadores de altíssimo nível”, reforça Gomes. Além disso, algumas das 15 vagas semestrais, em média, do Programa são ocupadas por estudantes de várias regiões do País e até por estrangeiros, representados atualmente por uma aluna chinesa. “Planejamos realizar maior divulgação e atrair estudantes de outros países, principalmente da América do Sul”, vislumbra, garantindo que a “receita” de sucesso conta com o toque final de rigidez na produtividade científica.

Metade dos professores do mestrado (criado em 1975) e do doutorado (em 1989) são pesquisadores Nível 1 do CNPq, o que indica atividade constante de pesquisa e publicação. “Nossos resultados mais recentes são de pesquisas com dinâmica de fluidos e redes complexas, engenharia de cristais e catalisadores, física de altas pressões e do petróleo, semicondutores, ferroelétricos, dinâmica de aquíferos, polimorfismo de fármacos no estado sólido, biofísica molecular, física de branas, nanotubos de carbono (que recebeu prêmio internacional), grafeno, dentre outros”.

Berço das artes

Em citação célebre, o filósofo francês Albert Camus afirma que “sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva”. Mesmo em um local destinado ao saber e à produção de conhecimento, a barbárie não

O aluno Breno Baptista (primeiro plano), do 4º semestre de Cinema e Audiovisual da UFC, já teve sua curta-metragem "Monja" exibido em diversos festivais



R\$ 9 milhões foram investidos no novo bloco didático da FEAAC, no Campus do Benfica



estaria mais distante. Na UFC, o espaço hoje destinado às artes, à cultura e à criação no seu sentido mais amplo e libertador descortina um futuro promissor pela frente. Dois passos decisivos para essa nova realidade foram a adesão da Instituição ao Reuni e a migração de órgão suplementar para Unidade Acadêmica do Instituto de Cultura e Arte (ICA), que passou da mera tarefa de gerenciar equipamentos culturais à responsabilidade de formar profissionais e plateias, além de fomentar o cenário e as políticas desse campo.

De acordo com o Pró-Reitor de Graduação da UFC e Ex-Diretor do ICA, Prof. Custódio Almeida, essa reformulação foi projeto delineado pelo Reitor Ícaro Moreira, falecido em 2008. "O saudoso Prof. Ícaro e o atual Reitor, Prof. Jesualdo Farias, souberam fazer a leitura crítica acertada sobre o lugar que a cultura e a arte devem ocupar na UFC. Eles tiveram a coragem de criar e investir para atenderem a demandas internas e anseios sociais explícitos".

Empossado em outubro como Di-

APENAS 32 MUNICÍPIOS DO CEARÁ TÊM POPULAÇÃO MAIS NUMEROSA QUE A COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFC, QUE SOMA CERCA DE 60 MIL PESSOAS

retor do ICA, o Prof. Sandro Thomaz Gouveia, vinculado à graduação de Gastronomia, orgulha-se da diversidade de formações ofertadas pela Unidade, que abrange quase todo o leque das Belas Artes, ficando pendentes apenas as artes plásticas. "A UFC já vinha com uma política de atuação bem forte, e o ICA veio fomentar. A Instituição já tinha há muito tempo equipamentos culturais e atividades extensionistas na área de artes. Aliás, vários deles passaram por revitalizações recentes, como o Museu de Arte da UFC e o Teatro Universitário", destaca.

Para Sandro, um desafio da nova

gestão será discutir o que a Universidade entende como produção artística e cultural. Ele cita como pontos fortes do ICA a juventude do corpo docente (mais da metade, concursados nos últimos três anos) e a interdisciplinaridade que será proporcionada com a mudança para a infraestrutura definitiva no Campus do Pici, prevista para o final de 2012. No mesmo espaço físico, compartilharão corredores e experiências acadêmicas alunos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Filosofia, Design de Moda, Música, Teatro, Dança, Gastronomia e Cinema e Audiovisual, as graduações vinculadas ao ICA. Somente em 2011, esses cursos ofertaram juntos 410 vagas.

Outro avanço na área cultural dentro da UFC, sob a perspectiva do Reuni, se deu com o Programa Bolsa-Arte. Passou de 20 vagas em 2007 para 102 em 2011 (82 bolsas em 2011.1 e 20 em 2011.2). Antes vinculado ao ICA quando este era apenas um órgão suplementar da Reitoria, hoje é a Pró-Reitoria de Extensão que responde pelo Programa.

Novo prédio do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais foi inaugurado em setembro de 2011



Acordes dinâmicos

O contraste entre antes e depois é notável em outro equipamento cultural da UFC. Agora “balzaquiana”, a Rádio Universitária FM entrou na casa dos 30 com uma transformação de encher os olhos e encantar os ouvidos. Para concretizar a lista de mudanças, o primeiro passo foi a realização de um planejamento estratégico para avaliação e definição de metas. O segundo foi a revisão da parte técnica. “Detectamos que o som da Rádio não estava sendo, de fato, um empecilho. O problema estava nos estúdios. Adquirimos um processador de áudio digital, que permitiu monitoramento e tratamento melhores dos programas”, conta o diretor da emissora, Prof. Nonato Lima, explicando ainda que o transmissor não utilizava sua potência máxima e a antena operava em frequência diferente do informado pelo fabricante.

No âmbito administrativo, a palavra de ordem foi reorganização. Foi adotado sistema informatizado de

programação musical, músicos foram contratados para produzir vinhetas novas e originais, o *website* da emissora ganhou cara nova e foi implantada uma política interna de capacitação profissional. “ Fizemos uma avaliação de cada programa, inclusive da audiência. Com base nela, alguns programas tiveram de ser extintos, outros foram reformulados. Reestruturamos o jornalismo e aumentamos o número de transmissões externas”, enumera Nonato.

O objetivo do trabalho é reforçar a imagem de emissora séria e educativa, mas também interessante e moderna. E o reconhecimento já começou. No ano passado, equipe da Universitária FM foi contemplada com R\$ 20 mil do Prêmio Roquette-Pinto, da Associação das Rádios Públicas do Brasil (AR-PUB), e acaba de encerrar a produção da série “Literatura em Cena”, que une literatura regional e radiodramaturgia. “Podemos dizer que, hoje, a Rádio Universitária busca uma relação mais profunda com a Instituição que a abriga e com a sociedade que a escuta. Tudo o

O NÚMERO DE VAGAS NO INTERIOR DO ESTADO PASSOU DE 520 EM 2008 PARA 1.110 VAGAS EM 2011, INCREMENTO SUPERIOR A

50%

HOJE, A COMUNIDADE ESTUDANTIL SOMA MAIS DE 27 MIL ALUNOS NA GRADUAÇÃO PRESENCIAL, MAIS DE 6.500 NA GRADUAÇÃO SEMIPRESENCIAL E

7.800
NA PÓS-GRADUAÇÃO

EM 2007, HAVIA 80 CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO.

**HOJE, SÃO 101:
59 MESTRADOS E
42 DOUTORADOS**

que a UFC está fazendo passa por aqui como informação”.

Comercial e experimental

Mas o cinema cearense também está com a bola “cheia”. Afinal, não é todo dia que a revista francesa *Cahiers Du Cinéma*, referência mundial, cita produções locais entre os expoentes da sétima arte brasileira, caso do filme

“Estrada para Ythaca”, de Luiz Pretti, Ricardo Pretti, Guto Parente e Pedro Diógenes. A revelação, recente, é tida pelo Prof. Marcelo Ikeda, coordenador do curso de graduação em Cinema e Audiovisual da UFC, como reflexo do momento frutífero que vive hoje a cena audiovisual cearense. “Aqui se tem espaço tanto para uma produção comercial quanto mais alternativa. Temos o filme ‘As Mães de Chico Xavier’, rodado por uma produtora local, que foi o filme cearense de maior bilheteria até hoje. Por outro lado, tem uma produção radical e experimental, de realizadores que fazem filmes sem recursos públicos ou leis de incentivo. Esses filmes têm tido grande repercussão Brasil e mundo afora, em muitos festivais e prêmios”, ressalta.

Em funcionamento desde 2010, o Curso de Cinema e Audiovisual da UFC tem como diferencial o fato de ser uma graduação em uma instituição federal, o que confere perspectiva de formação continuada e mais sólida. “Nosso curso oferta formação tanto teórica como prática, com ênfase maior para realização, mas também favorece a carreira acadêmica. Outra opção é a atuação na curadoria de eventos ligados ao cinema, crítica cinematográfica e pesquisa de imagem e som”, sintetiza Ikeda.

Já existem iniciativas de extensão consolidadas no curso, como o projeto “Conexões Estéticas”, que traz artistas de fora do Estado e do País para interagir com alunos-artistas, em estilo residência, e o “Cine Refluxus”, cineclube aberto ao público em geral. “Outro ponto positivo é que o colegiado do curso é muito plural. Tem professores daqui e do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais... Isso proporciona uma troca de experiências muito boa, e está todo mundo animado com o desafio de construir o curso”.

Além disso, várias produções desenvolvidas pelos estudantes nas disciplinas já têm sido reconhecidas em prêmios e festivais de cinema cearenses e nacionais. Uma delas é o curta-metragem “Monja”, dirigido pelo aluno do 4º semestre Breno Baptista, de 21 anos. A primeira exibição foi em uma mostra do Curso e, de lá para cá, já foi selecionado para três festivais e

SÃO
41.300
ALUNOS,
1.854 PROFESSORES,
3.392 SERVIDORES
TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS E
13.000
ATENDIDOS DIRETAMENTE
PELOS PROJETOS DE EXTENSÃO,
COMO AS CASAS DE CULTURA
ESTRANGEIRA E OS CURSOS DA CASA
AMARELA EUSÉLIO OLIVEIRA
E PRÉ-VESTIBULARES

duas mostras não competitivas no Ceará, em Pernambuco e em Minas Gerais. Breno, que escolheu cursar Cinema sem ter experiência prévia na área, concretizou o projeto do curta na disciplina Oficina de Vídeo. “Foi realizado em esquema de produção colaborativo e de muito diálogo, a partir da sintonia e do comprometimento de uma equipe bem pequena”, relata. O realizador define como principal ponto de impacto da produção local a revelação de novos olhares. “É um diagnóstico pulsante de como a cidade é vista, das inquietações coletivas e singulares, das necessidades de novos espaços dentro do nosso espaço”, explica Breno.

Novos contornos

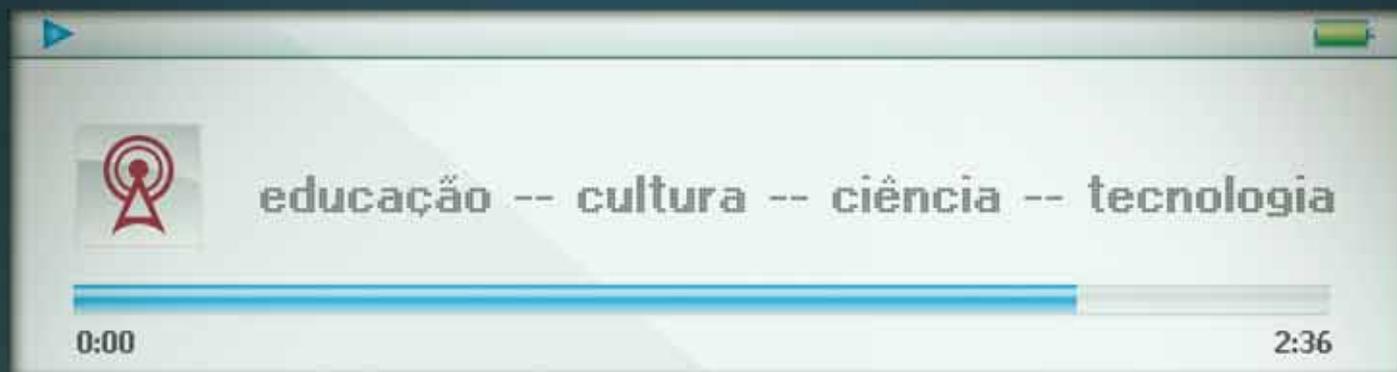
Aos poucos, a UFC amplia os horizontes de seu espaço físico, e desenha-se uma nova geografia na Instituição. Em meio a inúmeras planilhas, o Coordenador de Obras e Projetos, o engenheiro Ra-

fael Henriques, assegura: apenas de 2009 a 2011 foram investidos R\$ 35.739.215 milhões em obras de infraestrutura nos campi da UFC em Fortaleza e no Interior. Destacam-se, nesse contexto, as instalações do Instituto de Cultura e Arte (ICA), no Campus do Pici, e o novo bloco didático da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo (FEAAC), no Campus do Benfica. Todas as etapas do primeiro terão custado, até o final de 2012, cerca de R\$ 20 milhões, enquanto o segundo tem orçamento de R\$ 9 milhões.

“Nos deparamos com a falta de espaço para expandir as instalações da UFC em Fortaleza. Em muitas unidades acadêmicas, como a FEAAC, o Centro de Tecnologia, o Centro de Humanidades e o Campus de Poringabucu como um todo, a verticalização já é uma realidade”, informa Rafael. O coordenador cita também como fundamentais as obras de adequação dos prédios da UFC aos princípios de acessibilidade. “Tivemos uma obra bem grande, na qual foram gastos R\$ 1,3 milhão, para adaptação da Biblioteca de Ciência e Tecnologia nesse sentido”.

Dos campi da UFC no Interior, o Curso de Agronomia do Cariri, localizado no município do Crato, é um dos maiores sucessos em termos de planejamento e execução de infraestrutura. “Em dois anos e meio, construímos seis blocos que já estão em funcionamento. Eles abrigam laboratórios, salas de aula, gabinetes de professores, coordenação, cantina, espaço de convivência e garagem de máquinas e tratores”, enumera.

Tendo acompanhado o crescimento da Universidade, que de 2006 a 2010 aumentou em 68% sua área construída, Rafael Henriques aponta os avanços e reconhece que o principal problema ainda é o cumprimento de prazos, dificultado pela legislação e pela quebra de licitação praticada por algumas construtoras. Depois da criação de mais de 20 novos cursos com o Reuni, sentencia: “nossas antigas instalações não comportariam essa expansão”. 🗣️



EM SINTONIA COM A UNIVERSIDADE

No ar há sete anos, o Programa Jornal da Educação dá voz à produção científica e cultural da Universidade Federal do Ceará. Professores, estudantes e profissionais dialogam com a sociedade e debatem questões como educação, cultura, ciência e tecnologia. Sugira pautas e acompanhe diariamente, das 12h30min às 13h15min, na Universitária FM 107,9 ou pelo site www.universitariafm.com.br.



educacaoufc@radiouniversitaria.com.br

Tel: (85) 3366-7477

Justiça em ponto morto

Passados 20 anos do assassinato do cineasta Eusélio Oliveira, a família do também professor da UFC já não tem esperanças em ver o caso resolvido. A morosidade do Poder Judiciário perpetua a impunidade

por Janáina Brás



Eusélio Gadelha Oliveira, de 42 anos, lembra o pai toda manhã, por força das circunstâncias. Veste meia compressora para evitar inchaços na perna direita, cuja veia cava foi atingida por disparo de revólver, 20 anos atrás. Da mesma arma de fogo vieram os dois tiros fatais contra o cineasta e professor da Universidade Federal do Ceará, também Eusélio Gadelha Oliveira, então com 58 anos. Pai e filho iam à locadora quando uma discussão com o dono de banca de revistas e sargento reformado da Marinha do Brasil, Luiz Rufino, resultou em assassinato. Era dia claro.

Toda manhã vem a lembrança, aprofundada quando se aproxima o aniversário do acontecido. Quando é setembro, a família vai aos veículos de comunicação e pede ajuda da sociedade. Ou, pelo menos, era assim. “Esta é a última entrevista, o último ano, não temos mais esperança na Justiça brasileira, e cada mobilização dessas é um desgaste tremendo”, desabafa Eusélio. Nas duas décadas de combate ativo contra a morosidade do processo relativo ao assassinato do pai, a família recorreu a visitas a Brasília, *outdoors* espalhados pela cidade, aparições na TV e inúmeras entrevistas. Agora decidiu: “Já basta. Precisamos seguir em frente”.

Desde aquele dia 26 de setembro de 1991, o Poder Judiciário do Brasil deve explicações à família do cineasta: o autor dos três disparos jamais viu as grades de uma cela pelo lado de dentro, embora o crime tenha sido cometido à luz do dia, à vista de todos. A papelada com o destino da vida de Rufino e do alívio da família Oliveira oscila entre Brasília e Fortaleza desde 1995, quando o réu, confesso, foi julgado e condenado a 15 anos de reclusão.

Como a situação dos Oliveiras cearenses, o País registra outras. Conforme o relatório Justiça em Números 2010, elaborado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), 19% dos casos de execução penal privativas de liberdade em tramitação no Brasil ano passado eram novos. Os 81% restantes eram pendências. Só o Supremo tem pendentes 83 mil processos à espera de julgamento.

Réu confesso, Luiz Rufino foi julgado e condenado a 15 anos de reclusão, mas o autor dos três disparos jamais viu as grades de uma cela pelo lado de dentro

“Conhecemos casos semelhantes, quando a resolução judicial demora muitos anos, mas nenhum caso leva 20 anos para se resolver quando todo mundo faz o trabalho que precisa fazer”, aponta o advogado e professor da Faculdade de Direito da UFC Cândido Bittencourt. Conforme o professor de Direito Penal, falta fiscalizar nossos juízes, promotores, procuradores e ministros, embora o Brasil já venha atuando nessa direção através do CNJ.

Exemplo de mais impunidade é o caso do empresário Flávio Carneiro, então dono da extinta loja cearense “Tok Discos”, comércio de artigos musicais. Dia 15 de outubro de 1992, assassinou, em plena luz do dia, com vários tiros de pistola, a ex-mulher e também empresária Ethel Angert Carneiro.

A vítima acompanhava o oficial de justiça encarregado de fechar a loja da Praça do Ferreira, Centro, como resultado de litígio judicial entre os então recém-divorciados. Em setembro de 2006, o acusado foi condenado a 13 anos de reclusão, mas jamais cumpriu a pena. Mesmo o flagrante, lavrado depois de dois dias da fuga do réu, foi relaxado pela Justiça.

Nos meandros das décadas, a defesa escorrega pela tangente. O processo Eusélio/Rufino foi levado ao Supremo Tribunal Federal (STF) em 2002, mas nunca chegou a julgamento na esfera nacional; o Supremo refuta todos os recursos empreendidos pela defesa. E são muitos. Enquanto isso, o Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE) diz ter as mãos atadas, bem como a Promotoria da



3ª Vara do Júri. “Acreditamos (a família) em força política por trás dessa demora, mas não temos prova”, afirma Eusélio.

Conforme o Procurador da República e também professor da Faculdade de Direito da UFC Samuel Miranda Arruda, o caso gera desconfianças desse tipo, mas talvez espelhe problemas mais técnicos. “Nosso sistema processual é muito favorável à defesa, são inúmeras as possibilidades para recursos”, destaca o procurador.

No Brasil, o réu só cumpre a pena a que foi condenado quando se esgotam todas as possibilidades de recurso. “Nos Estados Unidos, por exemplo, não é assim. Quando o réu é condenado, vai para a cadeia. Entra-se com o recurso, mas a pena já começa a ser cumprida”, esclarece. Depois de encaminhado ao Supremo Tribunal Federal pelo advogado da defesa, José Lineu de Freitas, o caso Eusélio/Rufino já viu nove recursos, todos embargados pela Justiça.

De acordo com o advogado licenciado Deodato Ramalho, a quem coube acompanhar o caso em situações pontuais, como apoio à família Oliveira, a postura do STF compromete a celeridade da Justiça. “A simples rejeição dos recursos não resolve. A impunidade se mantém, e a defesa continua com os recursos. É preciso determinar o cumprimento da sentença”, reitera o advogado.

A última recusa em julgar o caso aconteceu dia 2 de dezembro de 2008. O primeiro pedido da defesa aconteceu dia 31 de maio de 2002. Há nove anos, o caso saiu da esfera estadual e habita o limbo entre esferas, sem pertencer deveras a nenhuma delas. O réu já passa dos 70 anos. De acordo com Samuel Miranda Arruda, está dentro das competências do STF exigir o cumprimento da sentença, em vez de simplesmente embargar os recursos. No entanto, a conduta não é praxe na gestão atual, diz o professor da UFC.

Procurada por UP, a assessoria do Supremo não disponibilizou fonte para entrevista até o fechamento

A Justiça e os brasileiros

Dados mais recentes sobre o Judiciário, de 2010, apontam que há mais de 80 mil processos à espera dos 10 ministros do Supremo Tribunal Federal



R\$ 212

foi o que cada habitante gastou, em média, com a Justiça brasileira em 2010



R\$ 1.694

foi o preço médio de cada novo processo judicial



83 mil

é a média de processos acumulados no STF atualmente

Fonte: Justiça em Números 2010 - CNJ / Censo 2010 - IBGE / Supremo em Números - Fundação Getúlio Vargas

ARQUIVO PESSOAL



Eusélio Gadelha Oliveira, ao lado do desenho do pai assassinado: “Esta é a última entrevista, não temos mais esperança na Justiça brasileira”

desta edição. As perguntas ao STF questionavam a postura daquela Corte frente aos recursos e o caso específico do cineasta Eusélio Oliveira. De acordo com a assessoria de imprensa, o processo contra Luiz Rufino não é responsabilidade do STF porque todos os recursos foram negados.

“Não consigo mais acreditar em

Justiça. Estou apático. Minha filha de 18 anos não pergunta mais, mas quando meu filho de sete (anos) quer saber por que o assassino do avô está solto, eu não tenho resposta”, compartilha Eusélio, o filho, para quem a relação com a cidade mudou de forma irremediável depois do homicídio: “Não saio de casa tranquilo. Depois

do ocorrido com meu pai, não posso acreditar que, se eu for vítima de um crime, serei amparado pela Justiça”.

CNJ nos estados para mais profissionalismo no Judiciário

De acordo com o advogado e professor da Faculdade de Direito da UFC Cândido Bittencourt, o direito à defesa do brasileiro é sagrado e o número de recursos “nem é tão grande assim”. “Agora, não deve ser usado como instrumento para protelar o processo. Mas reduzir o número de recursos seria comprometer o direito à defesa”, argumenta Bittencourt.

Pela ótica do professor, a solução passa pela fiscalização acirrada do Judiciário. A mudança, argumenta, começa bem com o CNJ, mas “não se pode acreditar que a instância nacional vai dar conta do País todo”. O advogado defende seções estaduais para o Conselho, como acontece com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

“Falta, muitas vezes, profissionalismo ao Judiciário. Os horários precisam ser cumpridos, a produtividade precisa ser checada. Não importa se você é secretário, juiz ou desembargador”, afirma o professor.

Trâmites digitais custam a virar realidade

No Ceará, a digitalização do chamado de processos enfrenta problemas desde o primeiro semestre de 2010, quando a mudança começou. As atividades começaram no Tribunal de Justiça do Estado do Ceará (TJCE) e no Fórum Clóvis Beviláqua. Vinte meses já se passaram, todos os arquivos em digitalização estão inacessíveis, não há previsão de entrega.

Em agosto desse ano, o CNJ finalizou relatório sobre o caso, quando foram apontados indícios de irregularidades na forma como foram contratadas e executadas as virtualizações dos processos no Ceará, bem como a digitalização dos trâmites e a reforma do Clóvis Beviláqua. O imbróglio deixou ainda mais lentas as tramitações processuais sem ainda ter apresentado o resultado anunciado. 

Por onde melhorar a celeridade da Justiça Brasileira?

A lentidão do Judiciário brasileiro diminuirá com a virtualização de processos, segundo o Prof. Samuel Miranda Arruda, da Faculdade de Direito da UFC. Para o Prof. Leonardo Sá, do Departamento de Ciências Sociais, o acesso dos mais pobres à Justiça precisa ser mais democratizado

Virtualização dos processos é bom começo

O Procurador da República e professor da Faculdade de Direito da UFC Samuel Miranda Arruda não vê a morosidade da justiça como resultado de negligência dos funcionários do Judiciário, mas como consequência de falhas do próprio sistema. A quantidade exacerbada de recursos e a condescendência da lei são apontadas por Miranda Arruda como pontos a serem questionados no atual contexto da Justiça brasileira.

“Não se trata de falta de vontade dos juízes. Ainda mais hoje, com o controle exercido pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça), um órgão externo ao judiciário, responsável pela nossa fiscalização. O caso do Eusélio, por exemplo, não andaria mais rápido por vontade de trabalhar do juiz. Claro, o juiz compromissado acelera o trabalho da vara, mas não é o único responsável por isso”, defende.

O professor se posiciona a favor da mudança de modelo e da resolução de problemas estruturais. O número de juízes se encaixa na argumentação: “Não temos poucos juízes, mas eles estão mal distribuídos. A correção desse problema, por exemplo, nos ajudaria bastante”.

Complementando o ponto de vista, o professor destaca medida em execução cujas perspectivas são boas: a digitalização dos processos. “O acesso ao processo é muito dificultado pela papelada. São muitos processos”, argumenta. A tramitação eletrônica, de acordo com ele, daria praticidade ao manuseio dos documentos.

Democracia no acesso à Justiça precisa entrar em pauta

Ao sociólogo Leonardo Sá, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da UFC, interessa propor novo viés à discussão da impunidade: a elitização da Justiça brasileira. “Não adianta melhorarmos o sistema judiciário, se ele continua a serviço de alguns, não de todos. A falta de democracia do acesso à Justiça brasileira leva camadas menos favorecidas da população à justiça com as próprias mãos”, percebe o pesquisador.

A lógica do professor apresenta, portanto, outra face da impunidade: a da segregação social. De acordo com Leonardo Sá, grande parcela da população sequer vê os crimes dos quais foi vítima submetidos a recursos infundáveis da defesa, porque jamais terão a chance do julgamento.

Dentro do contexto, o sociólogo sinaliza uma bola de neve: “A impunidade deslegitima o sistema judiciário. Quando acontecem casos de impunidade, o aparato do Estado se desautoriza diante da sociedade. As pessoas passam a desconfiar e a não procurar o sistema judiciário, porque acreditam que seja inútil”.

"A falta de democracia do acesso à Justiça brasileira leva camadas menos favorecidas da população à justiça com as próprias mãos"

Conselho Social Consultivo

A voz do povo, na casa do povo.



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Ampliar a participação da sociedade no debate legislativo é a proposta do recém-criado **Conselho Social Consultivo para as Comissões Técnicas Permanentes da Assembleia Legislativa**.

O Conselho conta com a participação dos 18 presidentes das comissões permanentes da Casa e ainda 30 representantes da sociedade e da comunidade acadêmica e intelectual: Academia Cearense de Letras, Associação Cearense de Imprensa, Conselho Estadual de Saúde do Ceará, Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão, Central Única dos Trabalhadores, Central Única de Favelas, Federação das Indústrias do Estado do Ceará, Instituto dos Arquitetos do Brasil, Ordem dos Advogados do Brasil/secção CE e Federação do Comércio do Estado do Ceará, entre outros.

Além de prestar assessoramento político e técnico-científico às comissões em matérias previamente definidas, o Conselho também pode ser propositivo com a indicação de temas de interesse da sociedade, em especial dos setores que representam. A participação de cada representante no Conselho deve ser considerada “relevante serviço público”, nos termos da legislação em vigor.

VO



Trilhando Nuestro Caminho

Consolidado no calendário estadual de eventos, o Festival UFC de Cultura, em sua quarta edição, deu foco à identidade latino-americana e chegou ao Interior do Estado pela primeira vez, através da região do Cariri

De 17 a 21 de outubro, os campi de Fortaleza da Universidade Federal do Ceará se pintaram de cores mais vivas para abrigar mais um Festival UFC de Cultura. Desta vez, seminários, oficinas, mostra de cinema, exposição de arte, espetáculos de dança e teatro, lançamentos de livros e apresentações musicais tiveram como pano de fundo os *Camino de Nuestra América*, tema da quarta edição do evento.

Para compor a rica programação, o Festival trouxe convidados internacionais. A mostra Suite Latina, do fotógrafo argentino Marcos López, levou ao Museu de Arte da UFC o diálogo entre a pintura e a fotografia em claras referências às propagandas comerciais, ao corpo escultural e aos ícones do capitalismo mundial, pautando-se pela rotina contemporânea globalizada, mas sem deixar de lado as raízes da cultura latino-americana. Do Peru, o cineasta Alberto Durant veio a Fortaleza não apenas por seu filme “El Prêmio”, que abriu a Mostra de Cinema Peruano organizada pela Festival na Casa Amarela Eusélio Oliveira, mas também para ministrar oficina a jovens cearenses interessados na área de audiovisual.

627 pessoas se inscreveram para as 502 vagas ofertadas em 19 oficinas e um minicurso

549 pessoas assistiram às palestras e conferências realizadas nos auditórios da UFC

A democratização dos meios de comunicação também foi discutida durante o Festival. Na mesa-redonda “Por um amanhã que cante: o direito à comunicação na América Latina”, realizada em parceria com o Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, mais um convidado internacional: o presidente do Conselho Federal de Comunicação Audiovisual da Argentina, Nestor Busso, que destacou a importância da participação da sociedade civil, das uni-

versidades e dos sindicatos contra a formação de monopólios no setor.

A programação de Gastronomia também recebeu convidados de renome internacional. A paulista Paula Labaki, que também ministrou oficina de cozinha andina, o manauara Fábio Barbosa e o boliviano Checho Gonzales participaram juntos da palestra “Gastronomia Latino-Americana”. O público que compareceu pôde aprender de perto com as experiências dos *chefs*, que prepararam pratos típicos na hora e explicaram como conciliar a rica mistura de ingredientes da culinária da América Latina.

Outro destaque do Festival deste ano foi a programação de dança, realizada em parceria com a 8ª Bienal Internacional de Dança do Ceará. Nos Colóquios de Dança, artistas e pesquisadores nacionais e internacionais discutiram, durante três dias, o tema “carne.da.memoria.da.carne: repertórios, corporeidades, subjetividades”. O público que compareceu ao evento ainda pôde participar de intensos *workshops* e conferir apresentações de expoentes da dança contemporânea.

À noite, como nas três edições anteriores do evento, grandes atrações

musicais se apresentaram nos palcos da Concha Acústica e do Campus do Pici. Mas, desta vez, muitos artistas estrearam em Fortaleza tocando no Festival UFC de Cultura: o grupo argentino Teraplen, que mescla ritmos do folclore do cone-sul com as novas tendências da música eletrônica; a carioca filha de cubano Marina de la Riva; e o paulista Marcelo Jeneci, que encerrou o evento em noite concorrida. O público ainda dançou ao som de raiz latina em show do tradicional grupo Tarancón, caiu no samba e no pop das bandas Fino Coletivo e Pedro Luís e a Parede, e ouviu o melhor do jazz com o músico cearense Artur Menezes, revelação do gênero, inclusive, nos Estados Unidos.

Para falar de *nuestra América*

Para compreender as nuances da identidade latino-americana – na verdade, várias, pois somos um continente de 20 países independentes e 11 territórios ainda politicamente vinculados a outras nações –, professores, pesquisadores e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC criaram, em 2000, a Rede Universitária de Pesquisadores da América Latina (RUPAL). Segundo sua atual coordenadora, a Prof^ª Alba Maria Pinho de Carvalho, a rede ainda objetiva produzir, articular e socializar as pesquisas de diferentes países sobre a América Latina, para, dessa forma, ampliar os estudos políticos e econômicos da região.

Hoje, a RUPAL também integra membros do Departamento de Teoria Econômica da UFC e do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (Uece), além de pesquisadores de instituições internacionais, como o Centro de Estudos Latino-americanos da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) e o Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Frankfurt, na Alemanha.

Segundo o Prof. Francisco Uribam Xavier de Holanda, também integrante da RUPAL, o tema *Caminos de Nuestra América*, combinou perfeitamente com o trabalho de 11 anos que a Rede vem desenvolvendo. “Por muito tempo o Brasil tratou a América Latina como se



O estudante Fernando Castro, do Curso de Publicidade e Propaganda da UFC: experiência como bolsista do Festival desde 2009 estimulou a carreira de produtor cultural

**Aproximadamente
16.000 pessoas
prestigiaram os shows
e as atrações das cinco
noites de Festival**

**29 pesquisadores e
expositores de fora
do Ceará vieram à UFC
para ministrar oficinas
e palestras**

fosse algo muito distante, e manteve uma relação mais próxima com a Europa, inclusive na própria academia. Os pós-doutorados dos professores estavam muito voltados para estudar os pensamentos inglês, francês e americano. Hoje em dia, o que nós estamos vendo é uma preocupação maior com a América Latina e uma carga de informação também muito maior”, acredita.

A presença da RUPAL no IV Festival UFC de Cultura aconteceu nos dias

19 e 20 de outubro, com a realização do seminário “Disputas de Hegemonia em Nuestra América no Século XXI”. Para Uribam, o atual contexto de reestruturação política, econômica e social, em todo o mundo, justifica olhar mais atento para as regiões consideradas periféricas, durante muito tempo, pela política global. “O que estamos vendo agora parece uma ressaca do que já aconteceu na América Latina. A imposição de medidas econômicas estruturais para sair da crise é o que está acontecendo agora na Europa. Então, parece que a América Latina tem muito a falar para esses povos”.

Mais espaço para os estudantes

Ciente da responsabilidade pedagógica que o Festival UFC de Cultura possui – que vai além da programação de seminários, oficinas, mostra de cinema e demais atividades culturais –, a quarta edição do evento inovou para descobrir talentos no corpo discente da Instituição interessados em participar como bolsistas. Pela primeira vez, foram abertas inscrições para todos os estudantes matriculados da UFC, inclusive de pós-graduação. O resultado foi recorde: mais de 400 alunos se inscreveram para

preencher as 60 vagas oferecidas pela coordenação do Festival.

O estudante Fernando Castro, do oitavo semestre do curso de Publicidade e Propaganda, foi um deles. Ele faz parte de uma geração que pôde conferir, desde o primeiro semestre da graduação, as atividades do Festival UFC de Cultura. Fernando trabalhou pela primeira vez na produção do Festival em 2009, motivado não apenas pela experiência profissional, mas também para fazer parte de um evento que, acredita, é muito importante para os estudantes e toda a sociedade. "Me estimulou muito a seguir a carreira de produtor de eventos e já tenho planos para fazer minha pós-graduação na área de produção cultural", disse sobre sua participação no Festival.

A Mostra de Bandas Universitárias, idealizada e organizada pelos estudantes do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Música da UFC desde o primeiro Festival, em 2008, também ganhou novo formato este ano. Além das apresentações que acontecem no início da tarde, no Bosque Moreira Campos (Campus do Benfica), os universitários tiveram espaço na programação noturna, abrindo os shows das atrações nacionais. Ao todo, quatro bandas se apresentaram no palco principal, à noite, e outros quatro grupos fizeram parte da programação, no Benfica.

Além disso, para selecionar as oito bandas que tocaram no Festival, foi realizada, nos dias 6 e 7 de outubro, etapa classificatória com 16 grupos pré-selecionados – de quase 60 inicialmente inscritos. Os estudantes se apresentaram para um júri e para o público, também com direito a voto. Segundo o bolsista do PET de Música João Luis Studart, "é importante a participação dos alunos dentro dos festivais e encontros estudantis, pois o fato de se sentirem à vontade para se apresentar dentro da UFC serve como estímulo para a produção e inserção destes futuros artistas no mercado cultural, depois de sua formação universitária".

Abrindo novos caminhos

A participação e o interesse crescente de professores da UFC também possibilitaram a expansão, para além

IV Festival UFC de Cultura

Em sentido horário, o fotógrafo argentino **Marcos López**, no Museu de Arte da UFC; o espetáculo "Céu na Boca", da goiana **Quasar Cia de Dança**, na Concha Acústica; a cantora **Marina de la Riva**; o cantor e compositor **Marcelo Jeneci**; o grupo argentino **Terraplen**; a banda carioca **Pedro Luís e A Parede**; a coleção de **Livros-reportagem da UFC**; as oficinas de **cozinha andina** e **criação coletiva**; debate sobre o **direito à comunicação na América Latina**





Quase 60 grupos de alunos se inscreveram para a Mostra de Bandas Universitárias do Festival deste ano

UFC e coordenador do Festival, Paulo Mamede, também cita os problemas de financiamento para o evento na Capital. “Embora a gente tenha começado a trabalhar com mais antecedência, problemas na captação de recursos fizeram com que o orçamento do Festival tivesse uma redução diante da previsão inicial”. Segundo Mamede, mesmo assim, a qualidade da quarta edição, que ainda ofereceu mais de 500 vagas em oficinas, foi mantida.

Para Paulo Mamede, “o Festival está aliado a uma política que criou diversos cursos novos, inclusive dentro do Instituto de Cultura e Arte (ICA), e recuperou todos os equipamentos culturais da UFC. É a congregação de tudo que é realizado na área cultural da Universidade durante o ano”. Quanto à realização da quinta edição do Festival, Mamede afirma que ela ainda precisa ser discutida, pois os recursos precisam estar garantidos com mais antecedência e a participação da comunidade acadêmica deve ser mais efetiva. Para isso, o coordenador explica que já são analisadas duas iniciativas. A primeira é o lançamento de editais para a programação de seminários, oficinas e palestras; a segunda é a ampliação do período da etapa classificatória da Mostra de Bandas Universitárias.

O IV Festival UFC de Cultura foi realizado pela Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, em parceria com a Sociedade Cearense de Jornalismo Científico e Cultural. Teve patrocínio do Banco do Nordeste e do Banco do Brasil, e apoio cultural do Governo do Estado, através da Secretaria da Cultura, Prefeitura Municipal de Fortaleza, Coelha, Assembleia Legislativa do Ceará, Centro de Treinamento e Desenvolvimento, Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura e Serviço Social do Comércio. 

da Capital, do Festival, que, assim como a Instituição, interage cada vez mais com o Interior do Estado. Por isso, de 25 a 27 de outubro deste ano, o Campus do Cariri recebeu seu primeiro Festival UFC de Cultura. Lá, desde o início do ano, um grupo de trabalho foi montado para pensar de forma coletiva uma programação que contemplasse sugestões de diversos setores da região. Oficinas, debates e apresentações de grupos populares e culturais deram a tônica do Festival em Juazeiro do Norte.

Foi da experiência pessoal em festivais anteriores, ainda estudante, que o Prof. Tiago Coutinho, do curso de Jornalismo do Campus do Cariri da UFC, percebeu a importância do evento para a formação acadêmica. O pouco aproveitamento da comunidade durante as atividades dos espaços lúdicos e de reflexão e problemas na captação de recursos financeiros, comuns em eventos desse porte, não foram suficientes para que a primeira edição do Festival no Cariri deixasse de ter um desempenho positivo. “Fizemos a reunião de avaliação e a vontade de todos é que ano que vem tenha Festival novamente no Cariri”, adiante Coutinho.

O Coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional na



Por uma disciplinaridade multi, inter e trans



Pelo menos 15 universidades federais já acolheram os Bacharelados Interdisciplinares, reforçando a importância de uma formação múltipla para o exercício de atividades profissionais na contemporaneidade. Mesmo sem oferecer essa modalidade, a UFC mantém ferramentas interessantes na luta contra um inimigo comum: a evasão

por **Raquel Chaves**

Você já ouviu falar em Bacharelado Interdisciplinar? Concebido e implantado no âmbito do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o BI – como os mais íntimos do tema costumam se referir a essa modalidade – germinou com a ideia de ampliar o acesso e a permanência na universidade. Conta com mecanismos próprios de acompanhamento e avaliação no Ministério da Educação (MEC). Ao todo, 15 universidades federais já oferecem esse tipo de graduação. A UFC, porém, ainda não integra esse conjunto.

Diferentemente de décadas passadas, como nos anos 1970 e início dos 1980, o novo modelo não é um retorno ao ciclo básico – outrora utilizado inclusive na UFC. Os BIs e similares são programas de formação em nível de graduação de natureza geral, organizados por grandes áreas do conhecimento. No Brasil, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) é a que tem mais áreas de formação em bacharelados interdisciplinares. Lá, já se disponibilizam quase 1.500 vagas anuais, divididas em quatro grandes áreas: Artes; Humanidades; Saúde; e Ciência e Tecnologia. Entre os entusiastas do modelo está o Prof. Sérgio Farias, diretor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), da UFBA.

Ainda antes da determinação do Conselho Nacional de Educação (CNE), os Conselhos Superiores daquela universidade federal baiana estabeleceram, em 2008, as bases para a criação dos BIs. “Eles permitem uma continuidade de estudos em nível de graduação através do ingresso de seus diplomados num Curso de Progressão Linear (CPL), como passaram a ser chamados os cursos já existentes na UFBA”, explica Farias. Em média, cursar apenas o BI dura três anos.

Para alguns, os bacharelados interdisciplinares funcionam apenas como porta de entrada para os cursos tradicionais, o que “enfraqueceria”, a princípio, a proposta dos BIs. Para Farias, a situação é oposta. “A possibilidade de continuar os estudos através de um CPL ou de uma pós-graduação fortalece a proposta do BI”. Para acesso a um bacharelado interdisciplinar, o MEC reco-

menda a utilização do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), articulado ao Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

Experiências na UFC

Embora não integre – nem sinalize indícios de que o fará em um futuro próximo – o quadro das universidades federais que oferecem bacharelados interdisciplinares, a UFC mantém uma experiência similar que engatinha, mas já dá sinais positivos a estudantes, professores e gestores. Com o nome de Engenharias de Energias e Meio Ambiente (EEMA), esse curso de graduação da UFC contempla três outros: Engenharia de Petróleo, Engenharia Ambiental

A Universidade Federal da Bahia disponibiliza quase 1.500 vagas anuais em bacharelados interdisciplinares, divididas em quatro grandes áreas: Artes; Humanidades; Saúde; e Ciência e Tecnologia

e Engenharia de Energias Renováveis. O processo de entrada é único: são oferecidas 120 vagas, divididas entre os três cursos. Nos dois primeiros anos, as disciplinas das engenharias são comuns para todos os alunos. Apenas ao final do segundo ano, em virtude do rendimento durante as disciplinas, eles optam por uma das três engenharias, seguindo para ramos específicos. Encerrado o primeiro ciclo, o aluno não tem título algum. Obrigatoriamente, deve seguir para uma das três engenharias já citadas para concluir sua formação em nível superior.

Em novembro último, os 120 alunos do EEMA indicaram a primeira e a segunda opções desejadas entre as três engenharias – cada turma deve ter, no máximo, 40 alunos. Até esse limite,

prevalece o desejo do aluno. Se mais de 40 alunos se interessarem pela mesma Engenharia, o critério de escolha levará em conta o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) de cada um. Após os últimos três anos, de um total de cinco – já com as disciplinas específicas do respectivo curso –, o aluno graduado recebe o título ou de engenheiro de Petróleo, ou engenheiro ambiental, ou ainda engenheiro de Energias Renováveis.

É por isso que, como explica o Pró-Reitor de Graduação, Prof. Custódio Almeida, essa iniciativa “é muito mais o resgate do ciclo básico que já ocorreu na UFC nos anos de 1980 do que um Bacharelado Interdisciplinar”. Para ele, qualquer experiência que faça o aluno entender qual percurso seguirá em sua formação futura ajuda a evitar evasão. “Muito precocemente, ele diz que não gosta de algo que nem conheceu”. Segundo o professor, experiências como a vivida hoje no EEMA, dentro do Centro de Tecnologia da UFC, podem ajudar o aluno a “mudar de curso de forma mais consciente”.

A evasão nas universidades costuma desafiar. Em junho deste ano, o Secretário de Educação Superior do MEC, Luiz Cláudio Costa, admitiu que a evasão no Ensino Superior é um gargalo a ser superado. Todos os anos, um milhão e meio de estudantes ingressam nas faculdades. No entanto, cerca de 500 mil abandonam os cursos antes da formatura, o que representa um índice de 33%. Só em 2009, de acordo com o MEC, um em cada cinco alunos abandonou a faculdade. No caso das graduações em Engenharia, têm-se registrado índices piores. Segundo a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), atualmente apenas metade desses estudantes conclui o curso.

Para o Prof. Sérgio Farias (UFBA), a desistência dos cursos ocorre em consequência da opção feita aos 16 ou 17 anos, quando ainda há muitas dúvidas sobre o que escolher como profissão. “Ou então, quando feita por adultos que não conhecem o conjunto das opções oferecidas”, acrescenta. Na UFBA, segundo ele, a evasão nos BIs é de 19%, enquanto a média da Universidade chega a 47%.



A Feira das Profissões e o evento “O CT quer você” são iniciativas da UFC para auxiliar estudantes do Ensino Médio a definirem melhor o que desejam para o futuro profissional

Já na UFC, segundo o Prof. Custódio Almeida, a grande taxa de evasão está, principalmente, nos dois primeiros anos da graduação, embora o problema seja mais crítico no primeiro ano de ingresso na Universidade. “Já com o ciclo básico como o do EEMA, isso pode trazer ao aluno uma visão geral do curso em que ele está matriculado e dar-lhe uma visão de conjunto de qual o percurso seguirá adiante”, explica o Pró-Reitor. O diretor do Centro de Tecnologia, Prof. José de Paula Barros Neto, compartilha o mesmo raciocínio. Para ele, evitar a evasão foi um dos pontos levados em consideração para se iniciar essa experiência no CT. “O aluno entra muito novo aqui. Muitas vezes, não conhece nem a engenharia que quer”.

Os amigos João Victor de Oliveira Pontes e Constantinus Polemis Júnior, ambos de 20 anos, vivem essa fase de experiência no EEMA. Alunos do 4º semestre, estão prestes a optar pela Engenharia de Petróleo. “Acho essa ideia muito válida, porque o pessoal entra aqui muito novo”, reitera João. Para ele, o período de dois anos até a escolha pelo curso de graduação final, vivenciando a universidade, permite aos alunos tomar a decisão de forma mais amadurecida, levando em conta as potencialidades de cada um dos cursos. Constantinus Júnior, por exemplo, já integra o Laboratório de Disseminação de Conhecimento sobre Petróleo, na UFC. Antes mesmo de ingressar na Universidade, conheceu um pouco mais sobre a proposta do curso de Engenharia de Petróleo na Feira das Profissões de 2009.

Nos corredores acadêmicos, não é raro esbarrar em quem já migrou de curso. O estudante Ingo Ararê Lima

Entendendo o Bacharelado Interdisciplinar

Formação

O BI é um curso de formação universitária geral. Não é profissionalizante, como Medicina ou Odontologia, por exemplo. Divide-se em grandes áreas, como Humanidades; Artes; Ciências e Tecnologia; e Saúde. O aluno sai bacharel em uma das quatro grandes áreas. É um título de Ensino Superior. Com o BI, ele pode também seguir uma carreira tradicional, cursando outra graduação dentro da própria universidade, ou ingressar em um curso de pós-graduação.

Como funciona na UFBA

O candidato ao BI cumpre 2.400 horas de atividades acadêmicas – cerca de 30 componentes curriculares (oito disciplinas obrigatórias e 22 optativas) e 360 horas de atividades complementares. Ao final do percurso, que dura, em média, três anos, pode candidatar-se a um Curso de Progressão Linear (CPL), tendo para si reservadas pelo menos 20% das vagas anuais originalmente destinadas aos vestibulandos. Dessas vagas reservadas para egressos dos BIs, aquelas que não forem ocupadas retornarão para os classificados no vestibular. Propõe-se promover uma formação multi-inter-transdisciplinar, de maneira articulada com as unidades acadêmicas e cursos já existentes, constituindo-se num primeiro ciclo de estudos universitários gerais de uma graduação em dois ciclos (CPL posterior incluso).

Fonte: Prof. Sérgio Farias (IHAC/UFBA)

Barbosa admite simpatia pela interdisciplinaridade durante a formação. Aos 17 anos, ingressou no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC. Resolveu abandonar o curso quando já avançava para a segunda metade. Em seu caso, a insatisfação foi no âmbito da academia. Hoje, aos 27 anos, atravessa o 8º semestre de Engenharia de Produção Mecânica. “Escolher o que se quer ser é muito cedo até com 27 anos de idade. Nenhum curso de graduação vai conseguir satisfazer plenamente qualquer pessoa. Pelo menos eu me sinto assim”, entende.

Campo fértil no Ceará

O modelo implantado no Centro de Tecnologia da UFC é campo fértil, mas a colheita de seus primeiros frutos ainda está iminente. “Hoje, teríamos certa dificuldade para avaliar o modelo do EEMA porque está tudo muito novo e ainda não temos tantos dados”, avalia o Prof. Barros Neto. De acordo com o professor, essa experiência está sendo

possível porque se começou do zero, com a criação de novos cursos. O ingresso a eles segue a linha adotada pela UFC para todas as suas graduações: via ENEM. “Com os cursos já existentes é mais difícil, porque o processo todo já é conhecido e há uma cultura estabelecida”, acredita Barros Neto.

Se essa prática pode ser a semente de futuros bacharelados interdisciplinares na UFC, a médio ou longo prazos, só a experiência vai dizer. Na época da criação dos novos cursos, dois anos atrás, a proposta de um BI foi discutida, “mas vimos que ainda não era o momento oportuno de partir para isso”, esclarece o diretor do Centro de Tecnologia. Ele entende que a experiência atualmente realizada no EEMA será um divisor de águas. Ao mesmo tempo, o Pró-Reitor de Graduação admite que a experiência com as Engenharias de Energias e Meio Ambiente, em Fortaleza, pode ser repetida, em breve, nos recém-anunciados campi da UFC em Crateús e Russas.



Acreditamos
que a **educação**
é o caminho mais
seguro para
a promoção do
crescimento social.

É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.

EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO

PJ BRANDÃO

DESENHOS

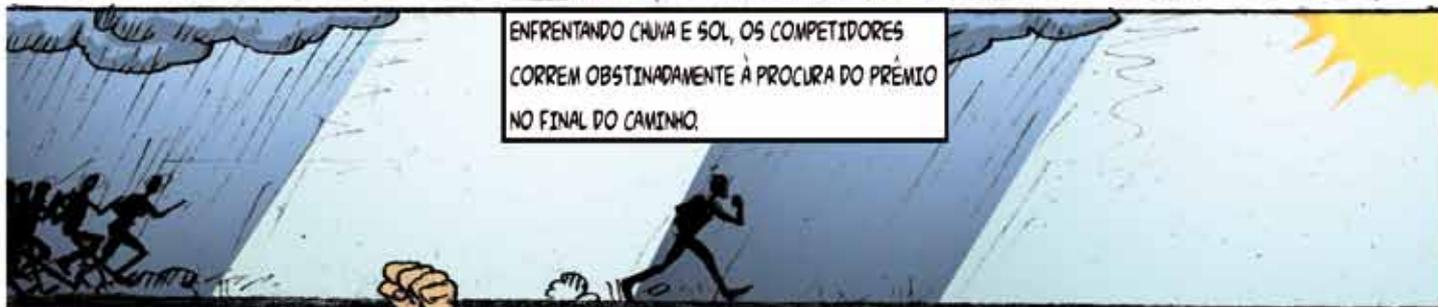
SAMUEL MARQUES

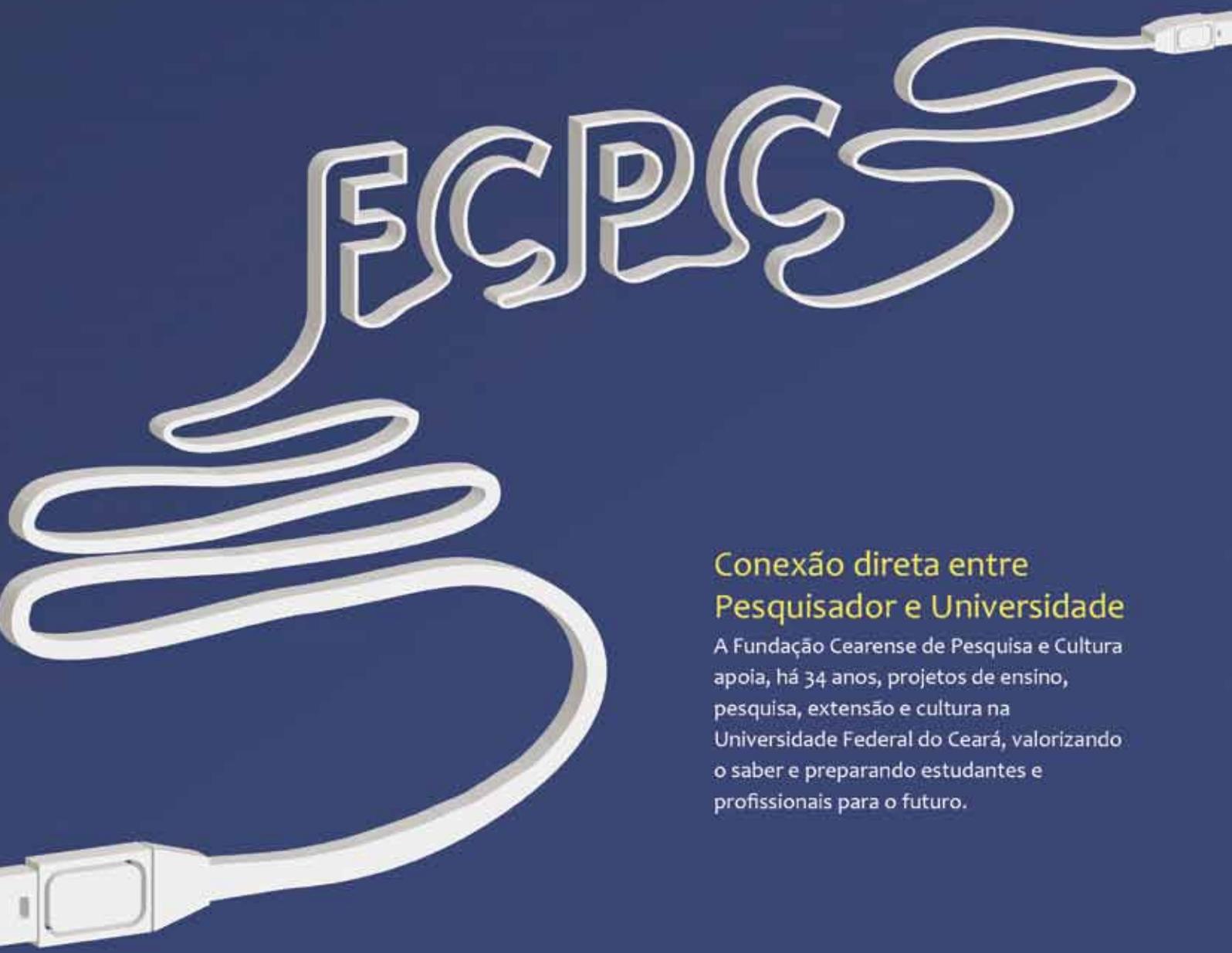
ARTE FINAL, CORES E LETRAS

FRED MACÉDO

oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com

OFICINA DE QUADRINHOS - UFC





Conexão direta entre Pesquisador e Universidade

A Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura apoia, há 34 anos, projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura na Universidade Federal do Ceará, valorizando o saber e preparando estudantes e profissionais para o futuro.

www.fcpc.ufc.br



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



Inspire,
respire, ouça,
diga. Sinta.

A arte está na essência do nordestino. Na forma de agir, pensar e, claro, na riqueza e diversidade de manifestações que nascem e ganham vida nesta terra. Por isso, nada mais justo do que este povo, há 13 anos, ter no Centro Cultural Banco do Nordeste um múltiplo espaço para experimentar e viver a cultura da Região e do mundo.

Banco do Nordeste. A nossa cultura é investir na sua.

www.bnb.gov.br/cultura  /ccbnb  /ccbnb

SAC Banco do Nordeste • Ouvidoria: 0800 728 3030

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

 **CENTRO CULTURAL
BANCO DO NORDESTE**